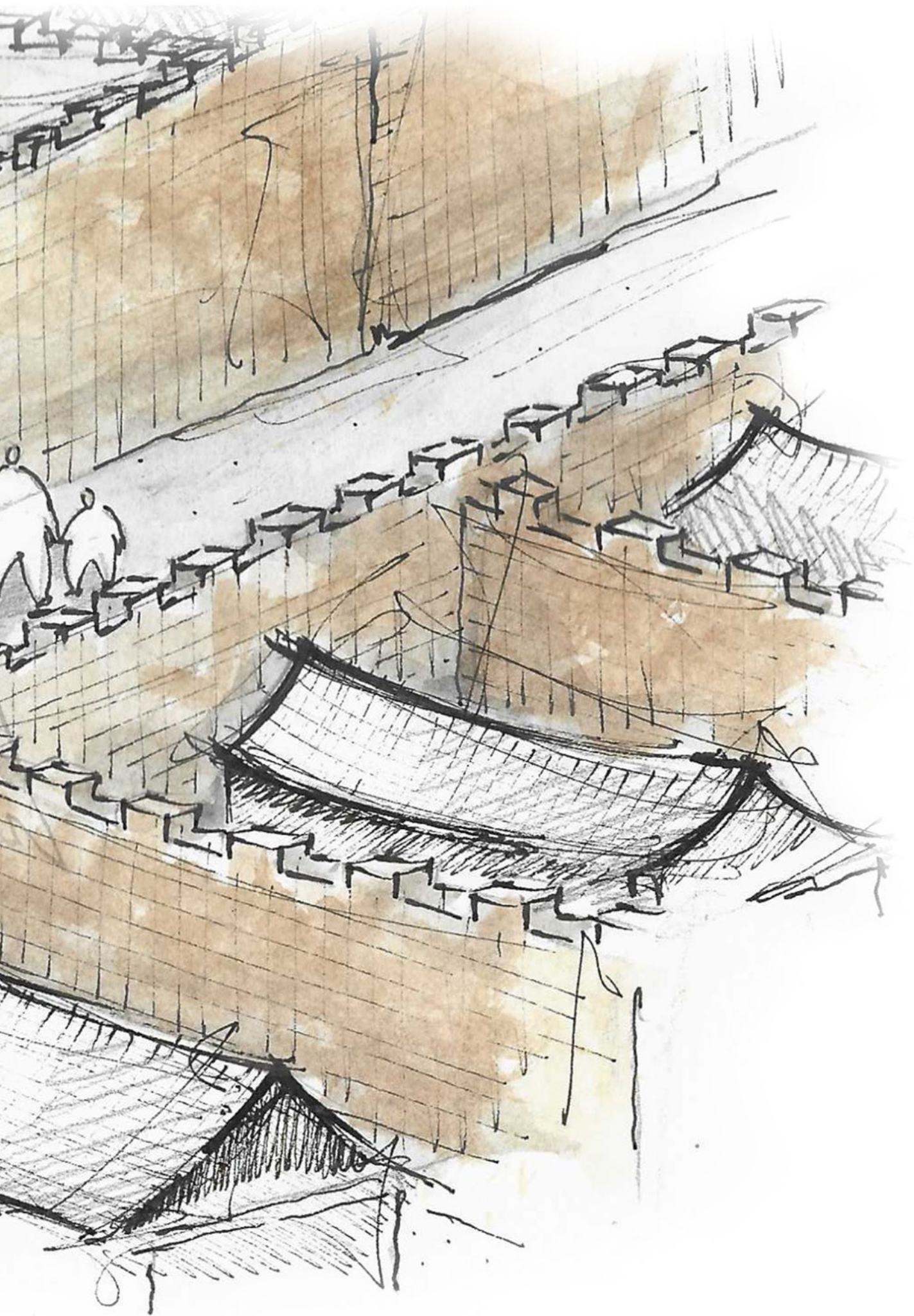


ensaios

# TEXTUAIS



# OCUPAR E AFIRMAR: As Ocupações como Manifesto Social de Moradia

Quem tem direito à cidade? O que é um lar? Qual o significado das ocupações?

Trabalho desenvolvido na disciplina Teoria da Arquitetura  
Carolina Xavier P. de Souza 6º semestre; Isabel Reis de Souza  
6º semestre; Leticia Vasquez Zerati 6º semestre  
Arquitetura e Urbanismo PUC Campinas

## OCUPAÇÃO X INVASÃO

Antes de qualquer discussão, é necessário esclarecer alguns conceitos. Não tem como discutir as Ocupações sem antes desvinculá-las do termo "invasão". Uma confusão comum, ainda mais aos olhos de quem concorda com a posse de imóveis sem função, a fim de valorizar o preço por intermédio de especulação imobiliária.

Invasões são atos criminosos que se apropriam de uma terra em pleno uso e que está cumprindo sua função social. Já ocupações, são atos políticos que se apropriam de imóveis ociosos sem função social, para dar uso a eles.

Ocupações como conhecemos, consistem em apropriações por movimentos sociais de imóveis, que estão sem função social, abandonados e/ou ociosos, para que sejam utilizados como moradias para pessoas que não têm onde morar. Ocupações são um mecanismo para exercer um direito, e não um crime, como as invasões.

Devido à enorme desigualdade social existente no Brasil, algumas pessoas precisam buscar outras formas de morar, e por muitas vezes, essas estratégias vêm por meio de reivindicações políticas de imóveis ociosos pertencentes às entidades públicas, chamadas ocupações. Essas pessoas, buscam nada menos que um lugar para morar, o que é uma causa legítima dado que moradia é um direito "constitucionalmente garantido". Lugar este que seja perto do trabalho, uma vez que o sistema de transporte público é escasso e deficiente.

Inúmeros edifícios localizados no centro de grandes cidades, como São Paulo, estão vazios, sem uso, sem função social, e é com eles que essas pessoas reivindicam seu lugar e seu direito. Ao ocupar, mandam uma mensagem clara ao Poder Público, e a quem por ali passa, afirmando que direito à moradia é um direito de todos. E que essas pessoas existem.



Imagem 1: Ocupação Nove de Julho.

Fonte: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/05/politica/1562304011\\_256672.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/05/politica/1562304011_256672.html)

## MEMÓRIA URBANA

O centro histórico de São Paulo, foi a primeira centralidade desenvolvida a partir da fundação da cidade, em 1553. Na época, era ocupado por famílias de bens que faziam parte da elite paulistana. Nele, encontram-se equipamentos urbanos culturais, sociais e infraestrutura básica. Entretanto, com o surgimento de novas centralidades no vetor sudoeste - onde a demanda por edifícios com grandes estacionamentos, maior infraestrutura e tecnologia de telecomunicação era atendida - o centro histórico acabou com sua desvalorização imobiliária e perante a isso, ocorreu seu abandono por parte da elite. (COUTO, et al, 2016/2017).

Muitos prédios de função habitacional e comercial foram abandonados, isso favoreceu a ocupação de alguns deles para o comércio e serviço dirigidos à população de baixa renda. Assim, por conta de uma nova dinâmica econômica e medidas públicas

que melhoraram o acesso a essa região - como terminais, ônibus, linhas de metrô etc. - o centro histórico passou a ter um caráter mais popular. Contudo, ainda assim, existem inúmeros edifícios comerciais e habitacionais, completamente abandonados, que não cumprem sua função social perante a sociedade.

A pluralidade e a diferença social predominam nessa região de São Paulo. Por ser uma região que abriga grande fluxo de pessoas, observa-se a presença de mendigos e camelôs, assim como de pessoas que desejam essa proximidade com o centro e sua fonte de trabalho, uma vez que na periferia isso não é possível.

Esta região, apesar de passar por um processo de requalificação em 1990, acaba por se tornar um não-lugar, onde o vazio ganha força em detrimento ao uso, a convivência, a permanência. E estes não-lugares descumprem sua função social. Todavia, são lugares que têm potencial para reacender uma nova história e dar uma nova chance àqueles que nunca tiveram oportunidade.

Por volta dos anos 70, os movimentos sociais por moradia ganharam força. Esses movimentos enxergam espaços edificados sem uso como uma nova oportunidade de morar, e mais do que isso, de ter acessibilidade a equipamentos urbanos.

No final dessa década, moradores de cortiços e favelas começaram a se mobilizar em decorrência dos altos custos de luz, água, impostos e aluguéis, que não tinham condições de pagar. O número de residentes insatisfeitos começou a crescer, e com isso, novas lideranças e novos movimentos, até que em 1997 ocorre a primeira ocupação no centro no bairro de Campos Elíseos, onde 1500 famílias participaram e resistiram. (FRUTUOSO, KATO apud NEUHOLD, 2009).

A premissa desses movimentos é abrigar pessoas que não têm onde morar. Entretanto, na situação que se

encontravam estes edifícios ociosos (e se encontram até hoje) - sem infraestrutura, sem segurança e em estado insalubre - os ocupantes perceberam que sem um terceiro auxílio e apoio, a moradia nas ocupações não seria possível. Isso levou alguns movimentos a optarem por ocupá-los, como uma denúncia a falta de moradia, para pressionar o poder público. (FRUTUOSO, KATO, 2019, P.04).

Com a intensificação das ocupações em diversas partes de São Paulo, os movimentos finalmente conseguiram visibilidade por parte da mídia, e com isso, uma faísca de atenção do governo, que realizou acordos que permitiram a moradia em alguns casos, além de diversos auxílios vindos de apoiadores da causa, como por exemplo, arquitetos que conferem a estrutura do edifício para garantir a segurança dos ocupantes. É neste cenário que surge o MSTC (Movimento Sem-Teto do Centro), que ocupa edifícios ociosos no centro de São Paulo, não apenas como moradia, mas também para afirmar a denúncia e luta existentes. (FRUTUOSO, KATO, apud NEUHOLD, 2009).

Ora, o que fizeram os movimentos de moradia e sem-teto senão questionar a prerrogativa de que os pobres não poderiam habitar o centro da cidade? O que fizeram senão disputar publicamente a legitimidade de morar no centro e, em um contexto mais amplo, a exigir a possibilidade de participação na discussão sobre projetos de intervenção naquela região? E logo eles: moradores dos cortiços ou das ruas da área central, trabalhadores informais ou desempregados, pessoas com baixa escolaridade e qualificação, destituídos do direito de opinar sobre a cidade. (NEUHOLD, 2009, p. 18)



Imagem 2: Avenida Nove de Julho, década de 20.  
Fonte: Foto Leon Libermanx

## O MOVIMENTO E A OCUPAÇÃO

O MSTC é um movimento que luta pelo direito à moradia, essencialmente na região central de São Paulo. Surgiu em 2000, em um edifício na Rua Álvaro de Carvalho (acima da Avenida Nove de Julho), ocupado por algumas pessoas desde 1997, liderado por Carmen Silva e Preta Ferreira, duas mulheres com o objetivo de transformar vida, assim como a delas foi transformada pela ocupação.

O movimento atua em cinco ocupações no centro de São Paulo, sendo elas: Ocupação José Bonifácio (100 famílias), Ocupação Casarão (24 famílias), Ocupação Nove de Julho (123 famílias), Ocupação Rio Branco (30 famílias) e Ocupação São Francisco (30 famílias). Uma das mais famosas, a Ocupação Residencial Cambridge, atualmente, se tornou um empreendimento do Minha Casa, Minha Vida, e não está mais sob coordenação do MSTC.

É um movimento formalizado e legalizado, e todas as decisões são tomadas em assembleia. É apoiado por outros movimentos de moradia, além de universidades, artistas, arquitetos, jornalistas, profissionais da saúde, sendo algumas de suas ocupações consideradas polos culturais de São Paulo, como a Nove de Julho.

Nas ocupações são desenvolvidos trabalhos focados em educação, cultura, política e esportes, para despertar nos moradores um sentimento de pertencimento, a vontade de lutar por aquele espaço, resistência e de empoderamento, reduzindo a vulnerabilidade social, que está muito presente nesse meio.

“Para defender direitos é preciso agir. Somos o símbolo da luta por moradia digna, em uma cidade que grita por justiça social e solidariedade. Se nossas ações não acompanharem nossas palavras, se não ocuparmos e reivindicamos, nossa voz não será ouvida. Quem não luta está morto!” - Movimento Sem Teto do Centro.

O MSTC além de promover uma requalificação do espaço do edifício, seguindo todas os requisitos da Defesa Civil, garante aos moradores acesso à infraestrutura, educação, cultura e lazer. O movimento está sempre preocupado em manter a ordem e uma convivência pacífica entre moradores, para que as ocupações sejam modelo, na tentativa de diminuir o preconceito que cerca esse ato.

Alguns movimentos que não seguem a lei, criminalizam e descredibilizam aqueles que querem realmente fazer a diferença, como no caso do Edifício Wilton Paes de Almeida. Devido ao descuido de algumas pessoas, o edifício sofreu um incêndio e acabou gerando uma investigação sobre o MSTC, que não possuía envolvimento com essa ocupação. Por isso é tão necessária a luta com organização e seriedade do movimento, para que o direito à moradia e à cidade sejam pautas nas políticas públicas.

O enfoque dado foi na Ocupação Nove de Julho, localizada no centro de São Paulo, por ser um polo cultural e a origem do movimento (MSTC).

O edifício ocupado em 1997 que abrigava o INSS e ficou abandonado por mais de 20 anos, sem cumprir sua função social, atualmente, abriga 123 famílias e é um símbolo de força e resistência.

Além de ser moradia para todas essas famílias, a ocupação possui forte espírito de coletividade, funcionando a partir da união dos moradores e comprometimento para com os demais residentes.



Imagem 3: Moradia é Direito.

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/925107/criminalizado-no-brasil-movimento-sem-teto-do-centro-e-des-taque-na-bienal-de-chicago>



Imagem 4: Quem Não Luta Tá Morto.

Fonte: <https://jornalistaslivres.org/promotor-conserino-pede-prisao-de-dirigentes-do-movimento-de-moradia-de-sp/>

É um polo cultural aberto à população, abriga uma galeria de artes que é muito importante para os residentes, pois permite que eles tenham um contato direto com arte e cultura. Lá também funciona um ateliê de costura que gera renda para alguns moradores.

“Sim, o centro é o coração das grandes cidades. O ato de ocupar visa edifícios que não cumpram a função social da propriedade. A Ocupação no centro não somente é discurso de direito a cidade, como exercício da mesma. O povo faz o papel do Poder Público, omissa a população, e concretiza além de moradia, oportunidade para o trabalhador e qualidade em todos os âmbitos, seja profissional, educacional ou lazer.” - Movimento Sem Teto do Centro

## CONVERSA COM FELIPE

O grupo entrou em contato com Felipe Figueiredo, 26 anos, morador da Ocupação Nove de Julho e a partir dessa conexão, fizemos algumas perguntas referentes ao tema. No início da conversa, Felipe nos contou sobre as medidas tomadas pela ocupação nesse momento particular devido a pandemia do Covid-19.

Além de disponibilizar equipamentos para cuidados higiênicos, contando com álcool em gel, piás nas entradas e limpezas periódicas, as lideranças fizeram parcerias e montaram a chamada Casa Verbo, para doar cestas básicas e kits de higiene, assim como máscaras costuradas no ateliê da ocupação, não apenas para os moradores, mas para outros centros comunitários. Também promoveram assistência aos moradores para manter fontes de renda neste momento de crise.

**Grupo:** Nosso trabalho pretende apontar as ocupações no centro de São Paulo como um manifesto de que todas as pessoas têm direito à uma cidade, seguimos o raciocínio de que se fosse uma ocupação na periferia, ela não “incomodaria” tanto, porque a lógica é que só pode morar no centro quem tem a capacidade de pagar o centro. E queremos apontar que isso não deveria ser uma verdade. Então gostaríamos de saber, o que facilitou morar no centro, o que pode ter dificultado? Como é?

**Felipe:** Ah, morar no centro sempre é bom, mas tem o seu lado ruim. O lado bom é você tá acessível à uma drogaria, uma padaria, a prefeitura, que fica aqui no centro de São Paulo, acessível à acessibilidade. Acessível no sentido de tudo. Morar

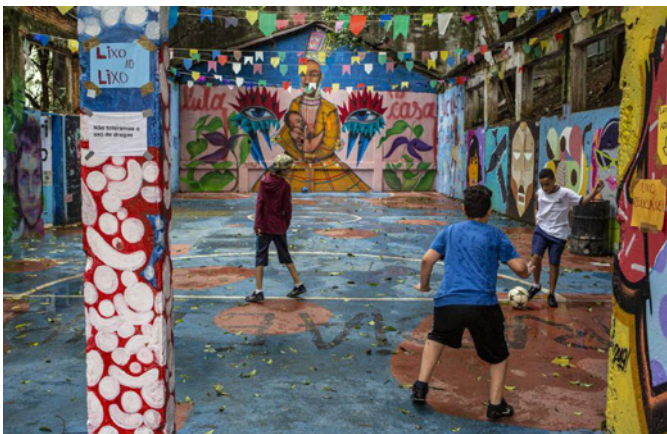


Imagem 5: Crianças brincando na quadra da Ocupação Nove de Julho  
Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/925107/criminalizado-no-brasil-movimento-sem-teto-do-centro-e-destaque-na-bienal-de-chicago>

no centro, a palavra é ACESSIBILIDADE, você ter acesso ao que não tem na periferia, então aqui eu tenho acesso.

O que eu posso ter perdido. Ah, basicamente nada, só o convívio com mais pessoas que têm as mesmas dificuldades ou passando pelo mesmo caso que eu. Porque lá na periferia tem mais pessoas morando, já aqui eu tenho as pessoas que querem fazer a luta e querem dar a cara a tapa.

**Grupo:** Antes de ir para a ocupação você morava na periferia? Você acha que a vida melhorou?

**Felipe:** Eu já morei na periferia, quando era pequeno, e também morei na Bela Vista só que era pensão, quer dizer... Pensão não, era casa mesmo, Minha Casa. O aluguel ficou atrasado, fomos despejados da casa e viemos pro MSTC. Mas com certeza minha vida melhorou!

**Grupo:** Você acompanhou o processo do pedido de reintegração de posse?

**Felipe:** Então, eu acompanhei sim os dois últimos pedidos, que era a Defesa Civil junto com a Prefeitura. Eles vinham fazer as petições. Essas petições pediram as medidas de segurança, corrimão, faixinha, essas coisas...

**Grupo:** Pensamos que por ser uma ocupação no centro ela seria um alvo mais forte dos pedidos de reintegração, por uma ocupação no centro chamar mais atenção e incomodar mais as pessoas daí, você acha que isso é uma verdade?

**Felipe:** Sim, porque as pessoas que moram aqui, são mais elitizadas e querem tirar o que não acham bonito no centro. E o que elas não acham bonito é um prédio desses deteriorado com várias pessoas de baixa renda morando nele, então automaticamente eles querem "limpar" a visão deles.



Imagem 6: Fonte Seminário Regional de Ensino Superior (SeRES EXISTÊNCIA), 2018.

**Grupo:** O que significa para o Movimento a ocupação ser no centro da cidade? E para os moradores?

**Felipe:** A melhor palavra para definir é conquista. A conquista de realizações, basicamente a luta pelo espaço no sol. Morar no centro tendo tudo perto, e ainda lutar pelos seus direitos, sabendo

quais eles são e o que se deve fazer para não ser discriminado, somente por ser uma pessoa pobre, de baixa renda, que mora no centro de São Paulo, e que tem esse direito.

**Grupo:** Sobre esse panorama, quais foram os critérios para a escolha deste edifício para ser ocupado? Ele não estar cumprindo sua função social por mais de 20 anos e estar abandonado ajudou nessa escolha?

**Felipe:** Sim, por ele não estar cumprindo sua função social, por estar abandonado, mas também pelo descaso do dinheiro público e pelo déficit habitacional. Tudo isso e mais um pouco ajudou a ocupar esse prédio.

**Grupo:** O fato de a ocupação promover uma galeria de arte, se tornando um polo cultural, facilitou a não efetivação da reintegração de posse em 2019?

**Felipe:** Sim! A união entre artistas e ativistas foi ótima para os dois lados, e ainda mais na nossa luta pelo prédio, que agora é um polo cultural, que não cobra a entrada de ninguém e é aberto a todos que quiserem aprender ou saber mais quais são os nossos ideais e motivos da luta!



Imagem 7: Show Ocupação Nove de Julho.

Fonte: <https://mulherias.blogosfera.uol.com.br/2019/08/23/mesa-arte-e-afeto-almoco-na-ocupa-pacao-9-de-julho-da-licao-de-amor-a-sp/>

**Grupo:** Você poderia fazer um breve relato da vida na ocupação? O processo de adaptação das pessoas e do edifício?

**Felipe:** No começo, nada é fácil, bem mais puxado que agora, que o prédio se encontra com todos os pedidos da Defesa Civil feitos. Ficamos 24h sem ninguém entrar e sair, e após isso, realizamos reuniões para os mutirões e assim a luta, para seguir com as melhorias do prédio.

Mas morar em uma ocupação e participar de um movimento, trabalhando a mente e o corpo, interagindo, lendo, sabendo do que se passa, é muito gratificante. Fora que você ganha amigos pro resto da vida, aprende coisas novas em todos os sentidos, e que sonhar e realizar é possível.

## ANÁLISE DA REGIÃO CENTRAL DE SÃO PAULO

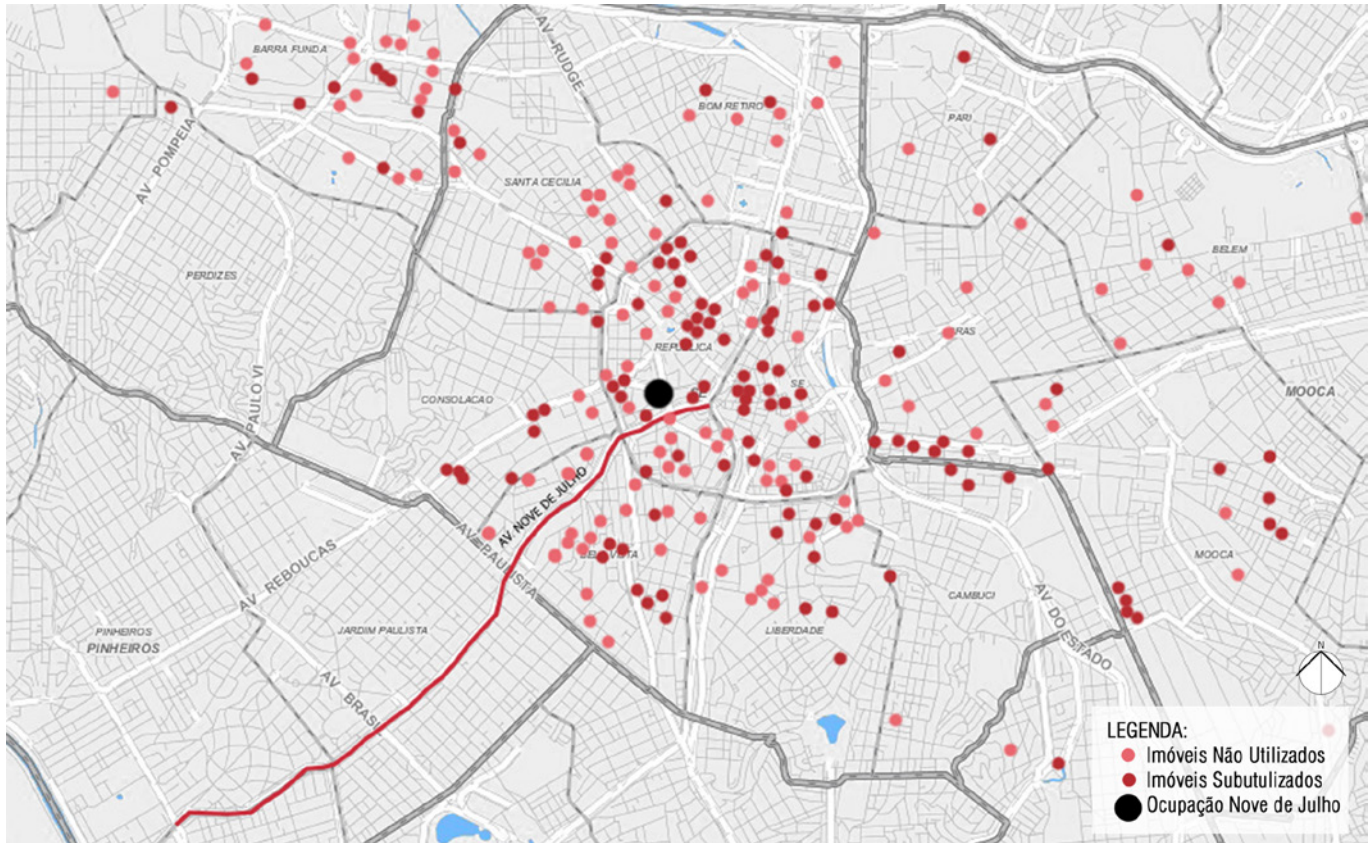


Imagem 8: Mapa de Imóveis Ociosos.

Fonte: Produção autoral do grupo (Base: GeoSampa)

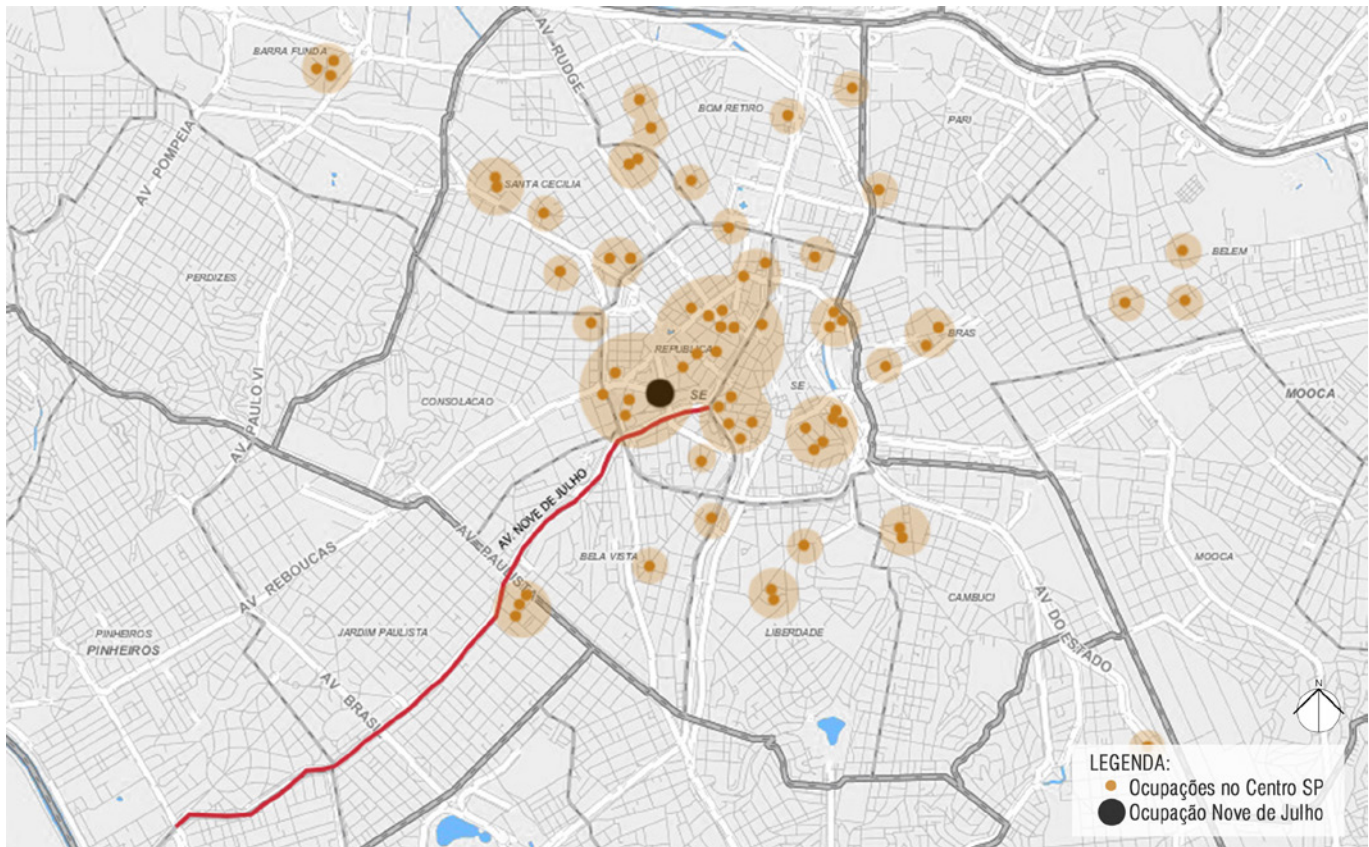


Imagem 9: Mapa de Ocupações.

Fonte: Produção autoral do grupo (Base: GeoSampa)

O centro de São Paulo possui inúmeros imóveis sem uso ou subutilizados, vários deles não cumprem sua função social e poderiam ser ocupados ou transformados em habitações de interesse social. Para isso acontecer seria necessária grande atenção e investimento público nas políticas habitacionais, que infelizmente, a muito vêm sendo negligenciadas pelo Estado.

Devem-se reabilitar edifícios vazios, mas não é a ocupação de domicílios vagos que equacionará o déficit. O desafio exige política fundiária e habitacional, combatendo a especulação com terrenos ociosos e investindo em programas de produção de moradias adequados à realidade do país. (BONDUKI, 2018)

A questão do déficit habitacional é urgente, e por mais que os edifícios ociosos não supram todo esse déficit, eles seriam capazes de abrigar pessoas, e isso importa.

Segundo Karl Renner, jurista e político austríaco, "o direito é um todo articulado, determinado pelas exigências da sociedade, cujo ordenamento é dotado de caráter orgânico.". A lei não permite que imóveis não cumpram a sua função social, e isso tornou o direito à propriedade mais

flexível e menos absoluto.

O centro como área nobre da cidade de São Paulo, é muito movimentado e morar ali é um privilégio, e por esse motivo as ocupações centrais se tornam um discurso ainda mais forte e incisivo nas pessoas que ali permeiam. É desconfortável pensar que no centro existem vários imóveis sem uso, que poderiam ajudar muitas pessoas, mas isso não acontece porque, nesse sistema, a propriedade tem maior valor que a vida delas.

O movimento tem a preocupação de escolher o centro porque, além de oferecer melhores oportunidades e facilidades no dia a dia, devido a oferta de equipamentos públicos, serviços e empregos, também afirma o direito à cidade daquelas pessoas, e concretiza o que o Estado não consegue (ou não se preocupa em fazer).

"A habitação deixou de ser um direito humano."  
– Raquel Rolnik, sobre a financeirização da habitação.

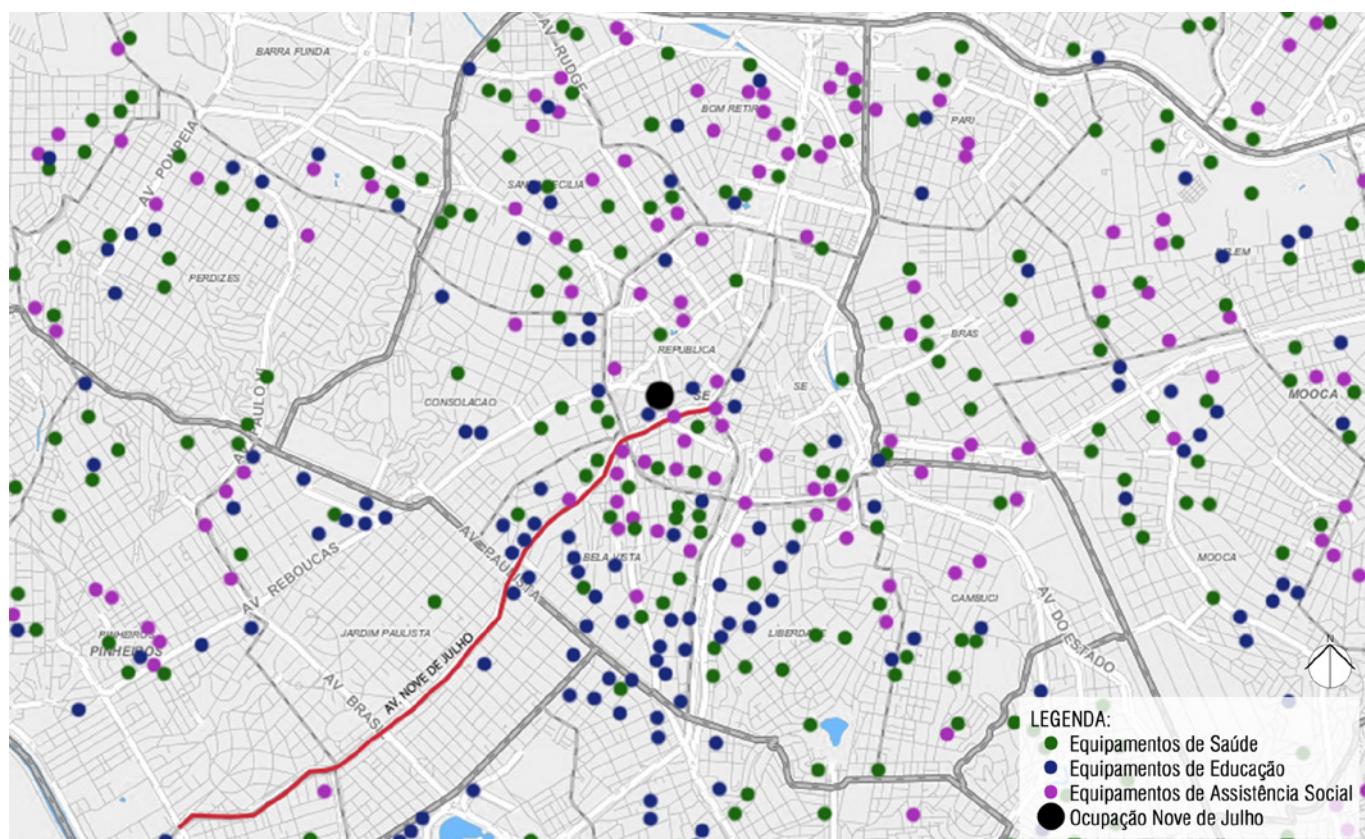


Imagem 10: Mapa de Equipamentos Urbanos.

Fonte: Produção autoral do grupo (Base: GeoSampa)

CRÍTICAS

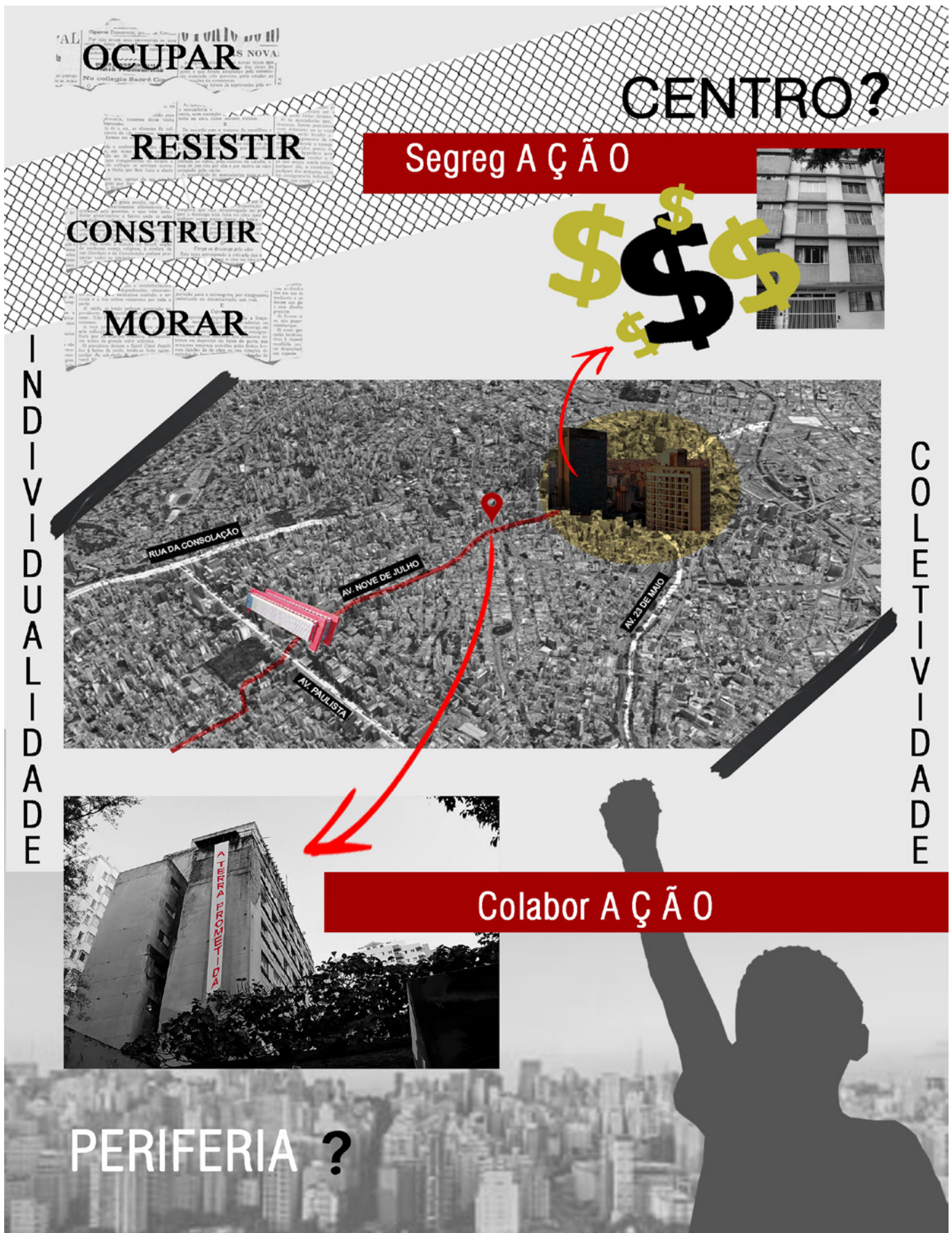


Imagem 11: Produção autoral do grupo.

LUTE  
COMO  
UMA



OCUPAÇÃO



Imagem 12: Produção autoral do grupo.

## REFLEXÃO FINAL

O presente trabalho enxergou o ato de ocupar como crítica à sociedade capitalista atual, que trata a moradia como produto e não como direito garantido constitucionalmente:

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (BRASIL, 1988, Art. 6º)

Além do direito de morar, abordamos a visão do direito à cidade, que compreende a acessibilidade garantida à equipamentos básicos de saúde e educação, transporte público e infraestruturas básicas.

A cidade tem sido privada de determinados grupos sociais desde sua crescente urbanização, e isso ocorre por meio de pressões direcionadas no Poder Público, resultando em investimentos que fortalecem a relação legislação/mercado imobiliário/exclusão social. (MARICATO, 2003).

O loteamento ilegal e a favela são as formas mais comuns de moradia de maior parte da população urbana de renda baixa e média baixa, uma vez que a autoconstrução foi a "solução" que o desenvolvimento urbano possibilitou para grande parte dos moradores das grandes cidades. (MARICATO, 2003).

A partir dessa análise, concluímos que a cidade é segregada estruturalmente, e a população trabalhadora de baixa renda é a que mais sofre com essa política, porque além de não ter acesso às oportunidades (ou ter acesso dificultoso), tanto no meio social quanto físico, também lutam para legitimar o modo que encontraram para sobreviver e afirmar resistência.

As ocupações, como um dos meios de habitação popular, quebram a lógica gentrificadora que divide o território urbano de maneira sócio espacial entre centro e periferia, porque traz as pessoas que são "empurradas" para as bordas da cidade de volta ao centro. A crítica aqui tratada afirma que morar é um direito que deve ser garantido. "Se morar é um direito, ocupar é um dever.", focando na perspectiva da importância que existe em uma ocupação se localizar no centro da cidade.

Uma ocupação no centro incomoda bem mais que uma na periferia, porque aos olhos do capital, o centro deve ser de quem consegue arcar com o preço de mercado. E por isso há uma importância imensa nesse discurso e nessa contradição de um sistema que exclui.



Imagem 13: Canalhas.

Fonte: <https://liviaaquino.com.br/2720-Viva-Maria>

Essas pessoas lutam diariamente para terem seus direitos reconhecidos pela sociedade e serem respeitadas em um país onde o governo as menospreza. Onde muitos enxergam invasores, existem indivíduos que lutam para ser reconhecidos como moradores dignos, que trabalham de forma honesta para cuidar da melhor forma de sua comunidade e de seu lar.

“As pessoas que moram no centro, são mais elitizadas e querem tirar o que não acham bonito no centro. No caso, o que elas não acham bonito é um prédio desses deteriorado com várias pessoas de baixa renda morando nele, então automaticamente eles querem “limpar” a visão delas.” - Felipe, morador da Ocupação Nove de Julho, conversa com o grupo.

Ocupar o centro é uma decisão pensada e assertiva para a luta. Ocupar o centro não apenas causa impacto, como também faz as pessoas que passam por ali questionarem suas realidades e privilégios. Talvez seja uma pedra no sapato do

capital, mas é um choque de realidade nas pessoas que tentam tapar os olhos para ela.

A força desse movimento, dessas pessoas e de um prédio ocupado no centro de São Paulo, está em afirmar que elas têm o direito de estar ali, que a cidade deve ser social e diversa, e que pobre também tem direito à cidade, à cultura, educação, lazer e qualidade de vida.

“O sonho do ‘pobre feliz’ é viver no centro da cidade, perto do trabalho” - Márcia Carneiro, Entrevista para El País.

A força desse movimento, dessas pessoas e de um prédio ocupado no centro de São Paulo, está em afirmar que elas têm o direito de estar ali, que a cidade deve ser social e diversa, e que pobre também tem direito à cidade, à cultura, educação, lazer e qualidade de vida.

Uma ocupação no centro é um discurso, e aqui tentamos apenas estimular algum questionamento sobre SEUS direitos. Afinal, são direitos...ou PRIVILÉGIOS?



Imagem 14: Menina na janela.

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/925107/criminalizado-no-brasil- movimento-sem-teto-do-centro-e-destaque-na-bienal-de-chicago>

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATADOS. <https://www.atados.com.br/ong/mstc/sobre>. Atados. Acesso em: Junho 2020.
- BONDUKI, N. O mito das casas sem gente não resolverá o problema da gente sem casa. Vitruvius, São Paulo, 2018.
- COUTO, G. et al. Descartes Urbanos. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, p. 103. 2017.
- EL PAÍS. [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/14/politica/1563140892\\_769152.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/14/politica/1563140892_769152.html). "O sonho do 'pobre feliz' é viver no centro da cidade, perto do trabalho", 2019. Acesso em: Maio 2020.
- KATO, V.; FRUTUOSO, B. Ocupações no centro de São Paulo: desejos de fixação no território. Anais XVIII ENANPUR 2019, Natal, 2019. 24.
- MARICATO, E. Conhecer para resolver a cidade ilegal. In: CASTRIOTA, L. B. Urbanização Brasileira: Redescobertas. Belo Horizonte: Arte, 2003.
- MSTC. <https://www.movimentosemtetodocentro.com.br/>. Acesso em: Maio 2020.
- ROLNIK, R. <https://atarde.uol.com.br/muito/noticias/1799409-raquel-rolnik--a-moradia-deixou-de-ser-um-direito-humano>. ATARDE, 2016. Acesso em: Junho 2020.
- SALLES, M.; ALVIM, T. <https://www.archdaily.com.br/br/925107/criminalizado-no-brasil-movimento-sem-teto-do-centro-e-destaque-na-bienal-de-chicago>. Archdaily, 2019. Acesso em: Maio 2020.
- SOUZA, R. Questão de Moradia: ocupações como experiência autogestionária, Porto Alegre, 2017. 27.
- VAZ, C. <https://camilavazvaz.jusbrasil.com.br/noticias/260404872/invasoes-x-ocupacoes-por-um-curso-intensivo-para-jornalistas>. Jusbrasil, 2015. Acesso em: Junho 2020.

# O SENTIR NO VAZIO: UM OLHAR SOBRE A QUARENTENA

Camila Valbert, 6º semestre  
Arquitetura e Urbanismo PUC Campinas

## PROPOSTA

Eu, em uma singela tentativa de materializar os sentimentos proporcionados pelo isolamento social. Como criar a partir dessa situação? Como expressar e representar esse momento singular e histórico de alguma forma? Respostas que encontrei a partir de um exercício proposto pela matéria de Teoria da Arquitetura, em nossa primeira aula remota.

## CONCEITO

Em uma busca incessante por demonstrar tamanhos sentimentos, aflições e pensamentos - sentidos e compartilhados, diante de um cenário de quarentena e de isolamento social, por conta da pandemia mundial da COVID-19 - me preendi ao simples. Uma simplicidade um tanto complexa. Buscar retratar tamanhas sensações de forma sintética.

Para isso, todo o pensamento se desenvolve a partir de uma das mais simples formas de se representar graficamente: a linha.

Uma linha.

A linha em si, inicialmente representa um mundo em fluxo constante.

Quando de repente, é obrigado a pausar.

Uma pausa.

E dessa pausa, um vazio.

Um vazio.

E desse vazio, um novo mundo.

O mundo Online.

Como uma tentativa de se alcançar o mundo externo.

O mundo real.

## SENTIMENTO

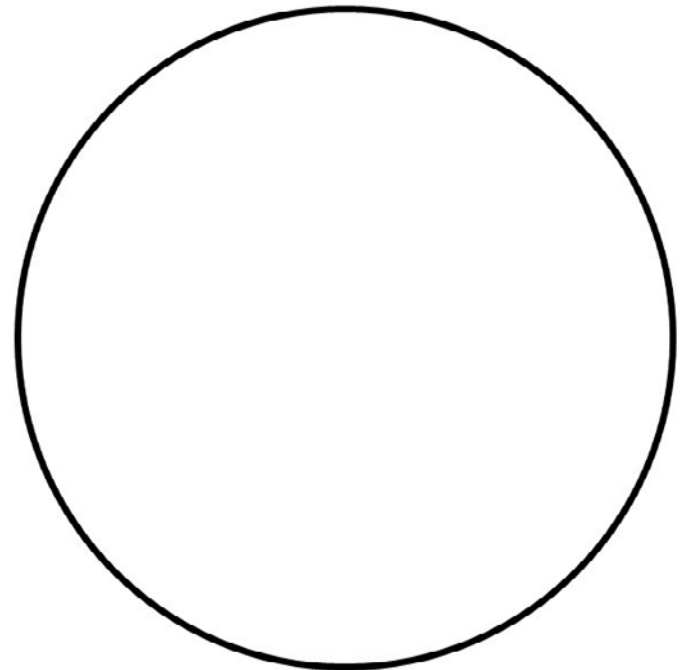


Imagem 1: ONline Vazio, por Camila Valbert.

Estamos passando por um momento que não sabemos ao certo quando vai acabar.

É como uma linha, sem começo e sem fim.

Não existem mais distâncias que nos separam. Estamos todos conectados. Todos juntos.

Ao mesmo tempo, essa é a linha do confinamento, do isolamento - que cria e separa dois mundos.

O mundo interno e o mundo externo.

O centro do círculo representa o isolamento social e o espaço individual de cada um. Junto dos sentimentos, aflições, ansiedades e do vazio que estamos sentindo.

Também representa o mundo online, que une e confina as pessoas dentro dele. Entrando em um ritmo sem fim, numa tentativa constante de romper com a linha que nos cerca, e alcançar o mundo externo, o mundo real.

Espaço este, que estamos agora.

Ao mesmo tempo que o ocupamos, ele é um vazio.

Ninguém de fato ocupa um lugar nas redes. Este, é apenas uma abstração de espaço, assim como o espaço dentro do círculo.

Um espaço que ao mesmo tempo que une, separa.

Isolados, confinados, estamos sozinhos. Pois, mesmo que presente em um mundo online, realizando atividades remotas, não pertencemos de fato a ele.

Ele segue vazio.

Ao mesmo tempo que esse espaço é turbulento, cheio de informações, é um espaço silencioso. Cada um isolado em um canto de suas casas, trocando um monte de informações, em silêncio.

A cidade que deixamos, vazia e silenciosa.

O espaço real é construído onde a vida acontecia.

Realidade expressa pela parte externa do círculo.

E, assim como o vírus (de formato esférico) que afronta o globo terrestre, nós somos afrontados por um círculo.

Um ciclo no qual estamos confinados e isolados, que nos apreende e nos provoca tantas sensações.

E a incerteza sobre o futuro, como uma página em branco que se forma, quando essa linha se rompe.

# MINHA CARTA DE AMOR À SUA TECTÔNICA EMOCIONAL

Aila Boler

## A quem venha a interessar,

Prazer, me chamo Aila Boler, fui projetada para construir minha existência como autora. Fundei meus estudos em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal da Bahia e na *University of Adelaide*. Costumo dizer que sou arquiteta por profissão, escritora por vocação e viajante pelo coração.

Nós, humanos, somos seres extremamente sensíveis e nos tornamos responsáveis por dar sentido aos acontecimentos que a natureza propõe. O ano de 2020 veio nos provar que estamos desorientados em escala global, insatisfeitos pelas privações e discordâncias. Nesse sentido, nunca se fez tão necessário o resgate da conexão entre corpo, tempo e espaço.

As publicações escritas são escoras na constituição de apoio dos pilares que sustentam nossos corpos. Acredito que durante o processo de leitura não devemos ter o propósito de julgar o resultado da obra, mas sim, saber onde nos encaixamos nas etapas construtivas do texto.

É necessário olhar para a arquitetura da alma e entender seus alicerces de sustentação como as placas tectônicas sobre o magma sustentando a Terra. Sair do universo de algoritmos virtuais e passar a experienciar melhor os momentos reais dentro do espaço tanto arquitetados quanto naturais para o nosso desenvolvimento humano.

Sendo assim, proponho a tradução de conhecimentos arquitetônicos em termos técnicos para uma linguagem mais humanizada e cotidiana. Este é meu ato de solidariedade durante a pandemia do COVID-19 para a manutenção da vida individual íntima, com o intuito de despertar um melhor engajamento social no espaço coletivo do organismo vivo e mutável que é a cidade.

Bem vindos à minha carta de amor à sua tectônica emocional:

Neste nosso primeiro contato, peço para que se acomode em uma posição confortável, relaxe os músculos de seu pescoço, inspire o ar de onde está e expire qualquer impureza que ainda esteja desequilibrando o ritmo de sua respiração, repita esse ato solene e obrigatório quantas vezes for necessário para que esteja leve aqui comigo.

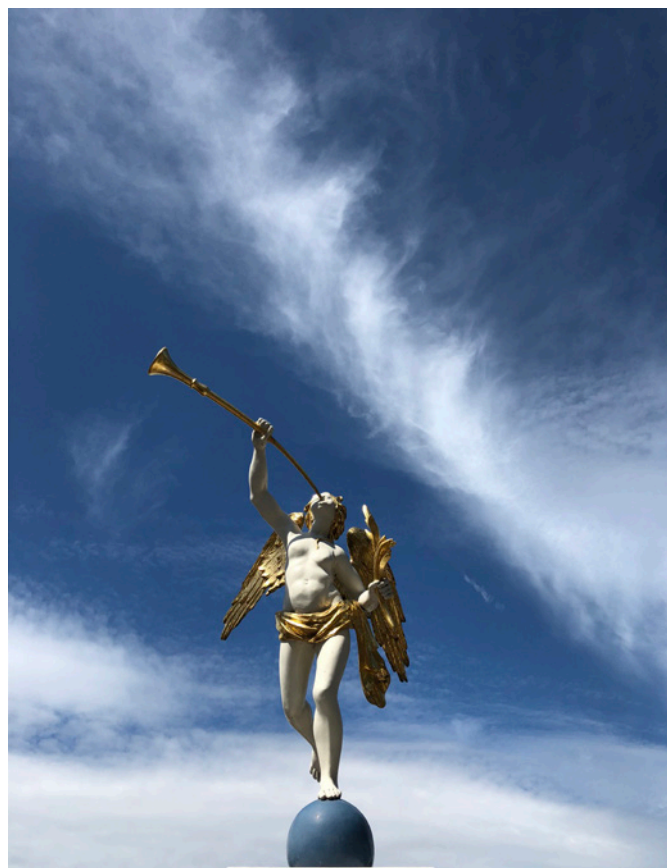


Imagem 01

## Querida leitora,

Primeiramente, seja bem-vinda a este universo que escolheu segurar em suas mãos. Dentre tantos outros, agradeço a sua escolha de se dedicar a nós neste momento. Também estou me dedicando a você.

Tenho um prazer enorme de te receber aqui. A porta já foi aberta, sintá-se em casa e fique à vontade para entrar em todos os espaços que irei lhe apresentar da minha melhor maneira possível.

Desde já, é importante frisar que designo o gênero feminino à palavra leitora pois, ao meu olhar, você é alguém tratada como uma personalidade inserida no espaço de uma cidade. Palavras pertencentes à família de substantivos femininos da língua portuguesa, e, portanto, utilizarei essa perspectiva de base para esta leitura.

Em outra linguagem, adoto uma persona para cada organismo vivo urbano, assim personifico os espaços e os experiencio em sua total vivacidade. Edifiquei esta linha de pensamento ao longo de minha graduação na universidade que para mim, é o tipo de instituição de troca mais justa e empática que temos na sociedade.

Encorajo as conexões entre seres e espaço de forma orgânica. O fortalecimento dessa linha de pensamento deve, desde leituras sobre temas em pauta, estudos de conforto ambiental, paisagismo, sustentabilidade, opiniões de arquitetos, escritórios, posicionamentos, humanização de cidades e principalmente as discussões entre pessoas. Estas são fontes imprescindíveis de conhecimento e análise de fatos para que formemos uma opinião sobre o lugar que habitamos e se a nossa ocupação está sendo feita de forma respeitosa.

Passei a tratar as cidades como seres vivos; vívidos. Portanto, em minha ótica, são organismos detentores de personalidade, assim como nós. Por trás de toda constituição da urbe devemos entender que existem indivíduos, famílias, crianças e paixões que fazem parte desta criação como peças-chave para que sejam únicas as experiências que nos permitimos vivenciar em cada local. Portanto, endereço esta carta as personas que compõem a cidade que você se encontra.

Neste texto, te convido a me conhecer e oxalá conhecer a si mesma numa leitura muito leve e descomprometida. Daqui em diante, quero que seja a rainha de seu próprio mundo. É assim que você merece ser tratada. A alegria é a principal expressão de quem somos. Os indivíduos devem ter o direito da exteriorização de suas personas através da autonomia de representatividade da sua autoimagem em todos os níveis de suas manifestações no ambiente que vivem.

Para o universo de estudo em meu mundo, a arquitetura é humana. Nessa entidade, as janelas são os olhos, e em um olhar de dentro para fora, enxergo esperança. Ela constitui um dos três pilares que sustentam a estrutura de meu ser. São eles:

**Otimismo;**

**Esperança;**

**Autoestima.**

Vivo reforçando essas colunas e, sem a preocupação de parecer repetitiva, utilizarei estas três palavras constatadas que criei certa vez em uma conversa de corredor de faculdade a quantidade de vezes necessárias para mim e para quem venha a se interessar por meus manifestos não formais, fundamentais.

Agora me dê a mão, querida, você merece conhecer o melhor que o espaço tem a oferecer. Devemos aproveitar o pouco tempo neste plano para dar uma volta em nossa cidade com todos os volumes e singularidades que ela tem.

Anda, vamos ouvir uma banda, recital, orquestra, festejar, contemplar todos os sítios que conseguirmos acessar e viver esse lugar da melhor forma possível. Lembrou de algum em especial?

Vamos pra lá então, o tempo e imaginação estão ao nosso favor. A pandemia vai passar.

Que delícia desfrutar de sua companhia, mesmo com nossas mãos úmidas por consequência do calor de nosso toque. Quero te aproveitar a cada passo que o ponteiro há de percorrer, apenas pelo bem que me faz estar em sua companhia.

**Tic;**

**Toc;**

**Tic;**

**Toc;**

**Toc...**

**Toc...**

**Toc...**

**Posso entrar?**

**Obrigada!**

São por ruas, parques, pontes, casarões e lares que me conecto a ti num ímpeto muito familiar. Não tenho como agradecer pela companhia. Você confia em mim mesmo sem questionar a fundo quem sou, no entanto, esse fator ínfimo de desconhecimento não faz com que você deixe de me acompanhar. Acredito que as conexões entre organismos ocorrem de modo instantâneo.

Sua perpetuação se aprimora com as experiências compartilhadas durante a vivência de momentos em locais específicos, pois a mudança de cena faz toda a diferença na narrativa desse espetáculo que é a vida. Nossa companhia é valiosa e devemos aproveitar o prestígio de desfrutá-la.

Tenho certeza que o amanhã chegará antes de minhas expectativas. Posso ver claramente pela fresta entre a cortina e a janela deste quarto a peculiaridade de tua vista com a qual me deparo graças à presença da luz natural.

Foi uma agradável caminhada percorrendo aquelas calçadas durante horas, entrando e saindo de livrarias, museus, escadarias e cafés, contemplando o que essa cidade tem a nos oferecer. Precisamos aprender a nos conectar conosco e com o ambiente que estamos inseridos para uma estadia prazerosa da nossa cidade de escolha.

Subterfúgios podem ser válidos para situações externas sem muita relevância, mas de forma alguma devem ser utilizados como artifício para procrastinar conflitos entre nós mesmos. Te convido a relembrar a introdução desta obra.

Somos seres inseridos em espaços.

Observe em que posição você se encontra agora com este conteúdo em mãos e perceba como isso pode ser relevante para expressar algo da sua personalidade. O autoconhecimento é elemental, sucessivo e de imenso valor para o convívio consigo e em sociedade.

Acredito que, se tivéssemos maior noção sobre quem somos, onde frequentamos e como nos expressamos, teríamos maior controle em nossos poderes de decisões e conseqüentemente, de interferência no espaço, seja ele físico ou etéreo. Assim, muitos problemas seriam evitados.

Por isso, minhas cartas de amor se destinam a sua tectônica emocional, querida leitora. O que quero transmitir com o termo "tectônica emocional" é a arquitetura da alma. As linhas que delimitam nossas fronteiras internas em constante vibração e distribuição de carga energética para que consigamos manter nossos alicerces intactos. Assim como as placas tectônicas na terra.

Nesse sentido, entendo que a adaptação e o movimento são necessários para a consolidação da nossa estrutura interna e ela, uma vez fundada é capaz de sustentar tudo que é externo à crosta de nossos corpos. Quero resgatar em você a emoção de contemplar e se fazer presente nos espaços presentes que se encontra no presente para que os viva de forma plena.

Presente mesmo é saber aproveitar o caráter transformador do espaço em sua integralidade. Espero que o mundo pós pandemia desperte um valor jamais visto atrelado à sociabilidade e aos eventos presenciais pois nada substitui a experiência do corpo no tempo inserido no espaço.

Abraço,

**Aila Boler**

# PROGRAMA ESFERA REVIVE

Plano de Cenários Alternativos para Organização Territorial das Regiões Metropolitanas Paulistas

Trabalho desenvolvido na disciplina Planejamento Urbano e Regional B  
Beatriz Sartori 8º semestre; Beatriz Sato 8º semestre;  
Carla Monara 8º semestre; Helena Dal Bianco 8º semestre;  
Julhia Bernardo 8º semestre; Vitória Cappello 8º semestre  
Arquitetura e Urbanismo PUC Campinas

## 1. INTRODUÇÃO

O Estado de São Paulo é o estado mais desenvolvido e urbanizado do país, possuindo 6 das 10 concentrações urbanas de faixa populacional entre 100 mil/hab a 300 mil/hab com maiores áreas urbanizadas (IBGE, 2015), representando aproximadamente 25% da população total do país. Essa configuração se deve ao fato de apresentar os principais pólos tecnológicos, industriais e educacionais, recebendo maiores investimentos internacionais. Dessa forma, o território se desenvolveu e se consolidou sem um planejamento ambiental adequado, enquanto o foco era o crescimento econômico. Apesar do alto índice de urbanização, seus sistemas de infraestrutura são concentrados e, em grande parte, saturados devido ao grande contingente populacional dos aglomerados urbanos desordenados.

Como consequência desse desenvolvimento acentuado, o estado de São Paulo apresenta maiores índices de vulnerabilidade ambiental e social, além de registrar maiores ocorrências de desastres naturais e fenômenos induzidos por conta do desmatamento; exploração da rede hídrica para abastecimento de água e geração de energia; lançamento de dejetos líquidos, sólidos e gasosos sem controle ou tratamento; canalização de córregos; rebaixamento de lençol freático e enterramento de nascentes.

Esse cenário evidencia a necessidade de planos integrados que visem o desenvolvimento de cidades sustentáveis, atrelados a políticas de preservação e revitalização ambiental, a fim de reduzir a superutilização dos recursos naturais e fortalecer a relação homem-natureza.

## 2. LEVANTAMENTO DE DADOS

Com o tema do trabalho voltando às questões ambientais no Estado de São Paulo e a ampla abrangência do mesmo, foi necessária a definição de um enfoque melhor delimitado definido através de variáveis que auxiliassem

na construção e no embasamento do plano, sendo elas: Áreas de Risco Ocupadas por Moradia (SEADE, 2003); Unidades de Conservação Ambientais Municipais (MMA, 2003); Áreas Prioritárias de Conservação da Biodiversidade (MMA, 2007); Densidade por Setor Censitário (IBGE, 2010); Trechos de Cursos d'Água Inundáveis (SNIRH, 2014).

Como resultado da sistematização e manipulação dos dados, em função da compreensão do cenário atual, foi obtido o Índice Geral de Vulnerabilidade Ambiental e Social, o qual consiste no resultado da alta correlação entre as variáveis Áreas de Risco Ocupadas por Moradias e Unidades de Conservação Ambiental.

A partir da espacialização do Índice, os pontos que se sobressaem no mapa correspondem a ocupações irregulares em áreas de preservação, porém, nem sempre se encontram dentro dos limites dos grandes maciços das Unidades de Conservação, o que também não acontece com as Áreas Prioritárias de Conservação da Biodiversidade. Isso demonstra que projetos que visam apenas a reestruturação das áreas de preservação já existentes não são eficazes para garantir a revitalização ambiental de áreas de risco em meio aos centros urbanos, onde a vulnerabilidade acontece, tanto na esfera ambiental quanto na social.

Também foram manipulados os dados de Densidade por Setor Censitário juntamente com os Principais Rios do Estado. Foi realizado um Buffer com raio de 500 metros em relação aos cursos d'água e esse dado foi relacionado com a densidade por setor, assim foi possível encontrar o número total de moradores em áreas de preservação permanente que serão realocados, progressivamente, seguindo critérios de prioridade que foquem nas regiões mais afetadas, com maior número de pessoas, e que coincidam com áreas de risco, entendidas através da espacialização do dado de Trechos de Cursos d'Água Inundáveis.

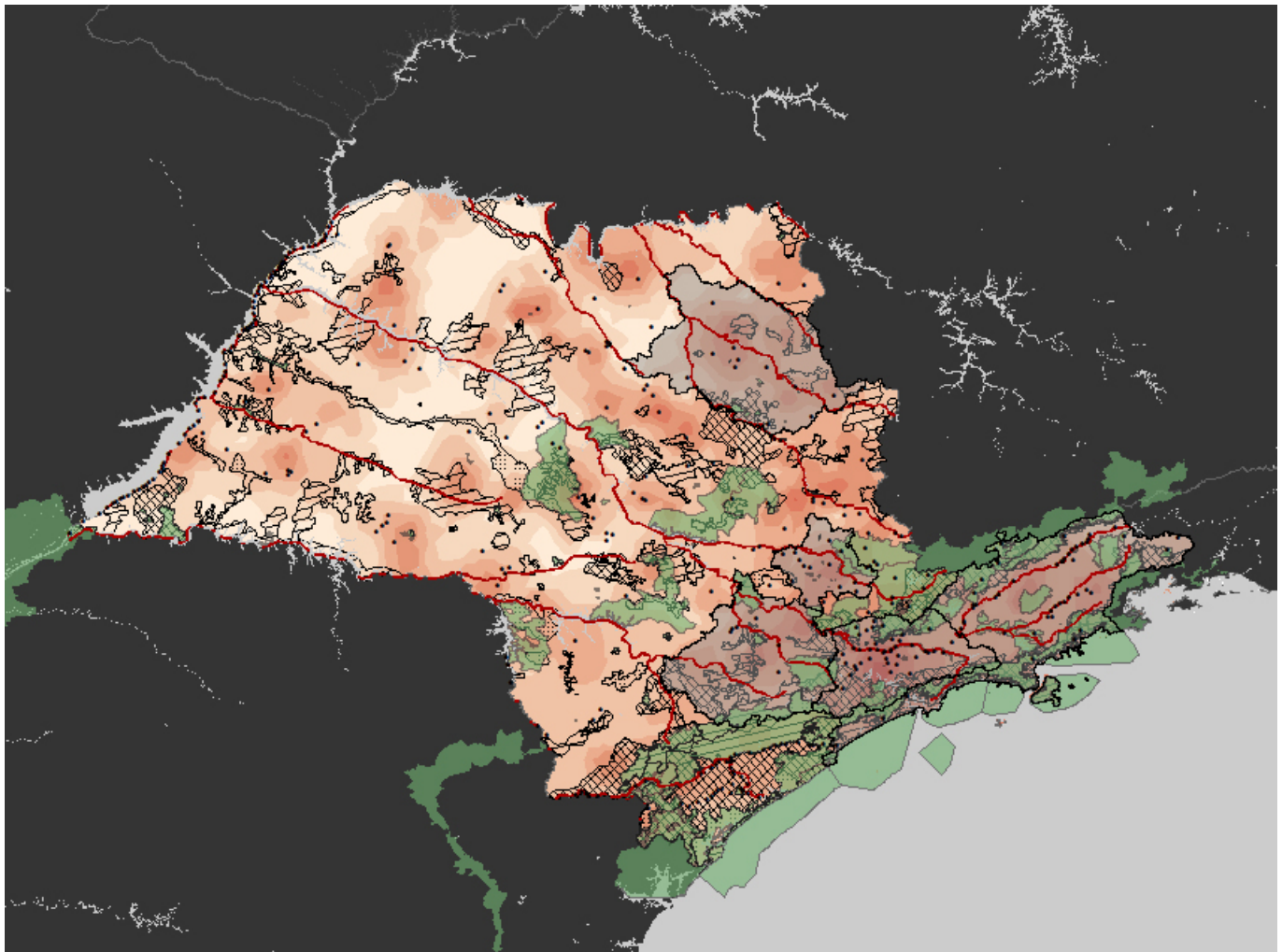


Imagem 1: Índice e Variáveis

■ Unidades de Conservação  
■ Principais Cursos d'Água  
■ Estados

■ Região Metropolitana  
■ APP 500 m  
● Áreas de inundação

Prioridade p/ conservação da biodiversidade:

  Alta  
  Muito alta  
  Extremamente alta

Índice de Vulnerabilidade Socioambiental

■ 0 - 0,000223  
■ 0,00023 - 0,00198  
■ 0,00198 - 0,0159  
■ 0,0159 - 0,126  
■ 0,126 - 0,431  
■ 0,431 - 1

## MICRORREGIONALIZAÇÃO

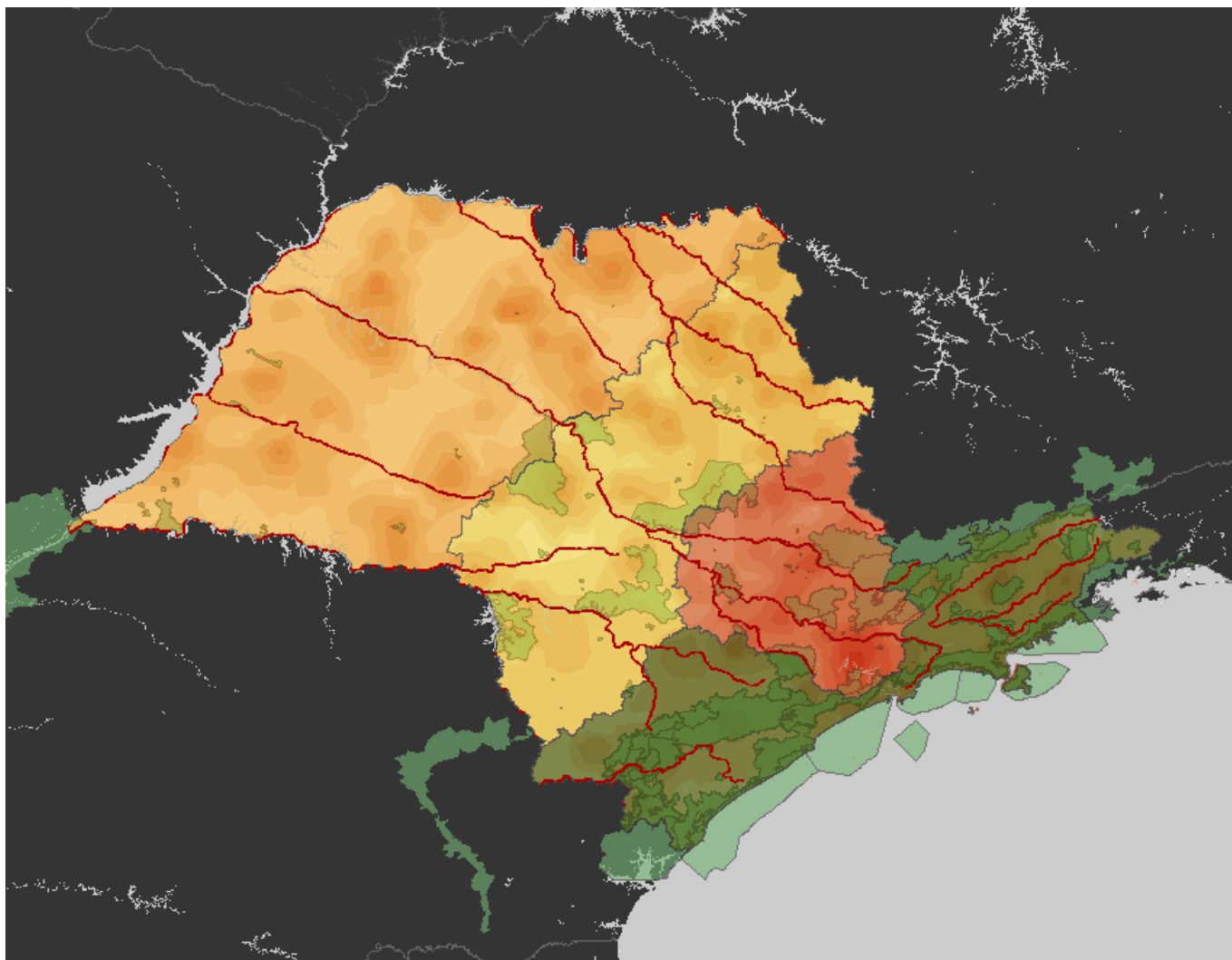










Imagem 2: Microrregionalização

	Zona Agrícola		Zona Central		Unidades de Conservação		Estados
	Zona de Expansão Urbana		Zona Costeira		Principais Cursos D'Água		APP 500m

### MICRORREGIÃO COSTEIRA

Representada no mapa pela cor verde, se localiza no litoral do estado, possui uma rede urbana consolidada, coexistindo com os maiores resquícios da cobertura natural da Mata Atlântica e conta com uma diversidade de trilhas, cachoeiras e ilhas. É composta pelo: Vale do Ribeira no Litoral Sul, a qual abriga 60% da mata atlântica remanescente no Brasil, se destacando pela preservação de suas matas (Cavernas do Petar), pela diversidade ecológica e pela presença de comunidades indígenas, quilombolas e caiçaras, que despertam interesse turístico na região; Pela Baixada Santista, a qual possui importante papel na exportação e importação de todo país, por sua área portuária predominantemente industrial; E pelo lado paulista do Vale do Paraíba, se destacando pela agropecuária, cultivo do arroz e a produção de leite.

As diretrizes para essa microrregião é referente à preservação da Mata Atlântica ainda restante e sua diversidade ecológica, tomando como exemplo o que já acontece nas Cavernas do Petar, contribuindo

também para a preservação das culturas tradicionais pré-existent, reforçando a relação homem-natureza.

### MICRORREGIÃO CENTRAL

Representada no mapa pela cor vermelha, compreende as cidades da grande São Paulo, Campinas, Sorocaba e suas respectivas regiões metropolitanas e conurbações a cerca. A zona se caracteriza pelo alto índice de urbanização, se destacando, conseqüentemente, como a principal área do estado marcada pela vulnerabilidade ambiental e social. Portanto, compreende as situações mais críticas e urgentes.

As diretrizes para essa microrregião buscam promover a desconcentração em prol da recuperação da biodiversidade e das questões microclimáticas dos grandes centros, a despoluição gradativa dos rios e, também, em função do bem estar da população que atualmente se encontra mais vulnerável.

### MICRORREGIÃO DE EXPANSÃO URBANA

Essa área, retratada no mapa pela cor amarela, abrange as Regiões Administrativas de São Carlos, Botucatu, Bauru, Araraquara e Ribeirão Preto, e representa a transição entre o centro-sul aglomerado do estado e o noroeste predominantemente agrícola. Compreende cidades atualmente em expansão urbana que se encontram em um estado de desenvolvimento superior às da Microrregião Agrícola, com importantes focos educacionais de grandes universidades. Ademais, estão presentes Parques Tecnológicos que promovem a ciência, a tecnologia e a inovação e, portanto, são regiões mais urbanizadas e dotadas de maior infraestrutura. As diretrizes para essa microrregião objetivam o desenvolvimento com base em fundamentos do urbanismo ecológico e consciente das cidades, associando a preservação do meio ambiente à ciência, tecnologia e inovação.

### MICRORREGIÃO AGRÍCOLA

Simbolizada pela cor laranja, abrange a região do Noroeste Paulista, onde estão localizadas as Regiões Administrativas de Araçatuba, São José do Rio Preto, Barretos, Franca, Presidente Prudente e parte de Bauru e Marília. Apresenta também grandes polos educacionais, no entanto, caracteriza-se por ter a menor densidade demográfica do estado pela forte influência das atividades agropecuárias, sendo, conseqüentemente, a área de maior perda da cobertura vegetal natural.

As diretrizes para essa microrregião visam o adensamento de pequenos núcleos urbanos existentes dotados de infraestrutura, em prol do desenvolvimento de cidades sustentáveis baseadas em princípios do urbanismo ecológico, assegurando novas extensões de conservação e recuperação ambiental.

### 3. CRITÉRIOS DE LOCALIZAÇÃO

A localização dos planos propostos varia de acordo com as peculiaridades e demandas de cada microrregião, explorando as fragilidades e potencialidades das áreas. Para a escolha das localizações foram utilizados instrumentos existentes e novos, que viabilizassem as propostas.

Para a escolha das áreas do projeto Núcleo, foram analisadas regiões de baixa densidade urbana, com o objetivo de gerar novos núcleos e minimizar o déficit habitacional; Para a escolha da localização do projeto Manto foi utilizando o Ranking Ambiental dos Municípios Paulistas, o qual apresenta as avaliações técnicas das ações ambientais executadas por cada município, medindo a eficiência da gestão. Assim, foram encontradas as cidades ambientalmente fragilizadas e, portanto, mais necessitadas desta ação; Já para a implantação do Litosfera, os pontos selecionados partiram da inserção em unidades de conservação com a intenção de valorizá-las através do contato direto com a população; Por fim, o Atmosfera foi proposto ao longo

dos principais rios, de maneira a conectar todos os outros projetos, criando uma rede através de corredores verdes.

### 4. PROJETOS



NÚCLEO

O projeto é denominado como Núcleo pois modela a maneira em que as pessoas vivem, recriando as ocupações primordiais que perpetuaram através do tempo, chamadas de agrovilas, as quais atrelam moradias a áreas de produção de subsistência, e visa criar novos núcleos de adensamento a partir da realocação dos moradores removidos para implantação do Projeto Atmosfera, e buscando o desenvolver cidades sustentáveis. No entanto, na Microrregião Costeira, tais núcleos apresentam restrições por estarem localizados em Unidades de Conservação Ambiental. Cada agrovila se localizada à, aproximadamente, 120 km de distância das demais, e as mesmas estarão inseridas nas Microrregiões Agrícola, de Expansão Urbana e Costeira.

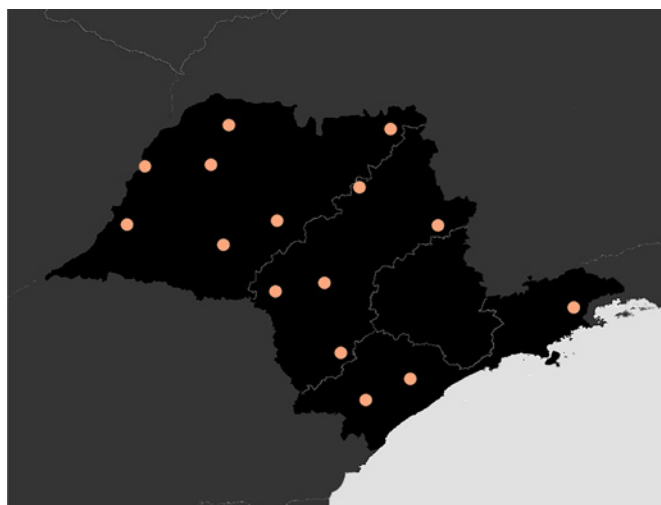


Imagem 3: Localização Projeto Núcleo

- Agrovilas
- São Paulo
- Estados
- Massas de Água



MANTO

O Projeto Manto é implantado em todas as Microrregiões do estado de São Paulo e busca promover a preservação ambiental, em lugares de grande fragilidade, através de incentivos às atividades científicas, as quais serão

desenvolvidas a partir de critérios estabelecidos para cada área e realizadas a partir da implantação de Estações Experimentais, com um raio de abrangência de 80 km. Além disso, o projeto possibilita a disseminação do conhecimento científico, relacionado à natureza, de maneira fluida e acessível.

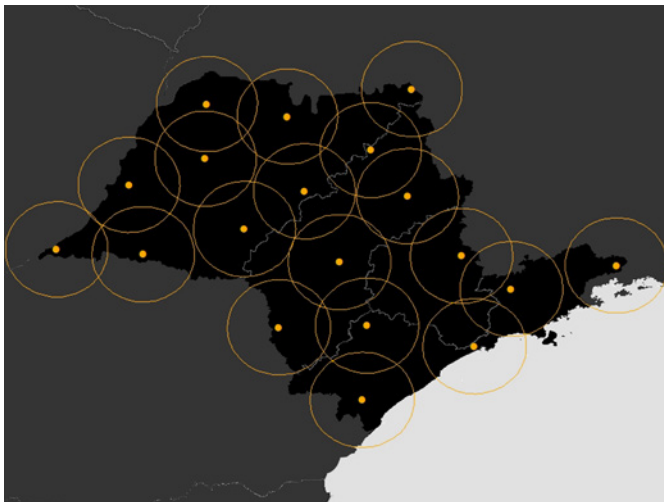
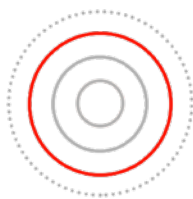
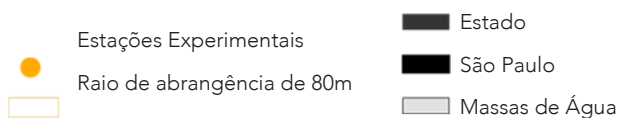


Imagem 4: Localização Projeto Manto



### LITOSFERA

O Projeto Litosfera é assim denominado por ter como princípio envolver a sociedade como agente atuante em

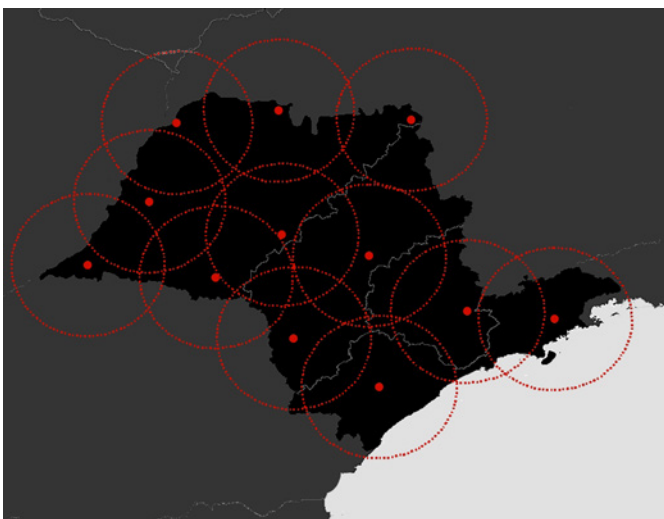
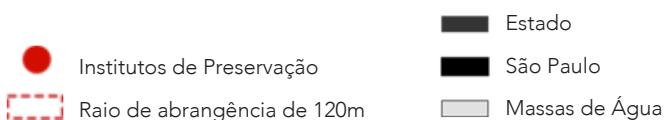


Imagem 5: Localização Projeto Litosfesra



prol da preservação e conscientização e é implantado em todas as microrregiões em busca da proteção dos recursos naturais, assegurando também as populações tradicionais e seus conhecimentos. Os Parques Ecológicos propostos estão sempre atrelados a Unidades de Conservação a fim de desenvolver o ecoturismo, com acesso controlado, e dentro de cada Parque haverá um Instituto de Preservação, onde acontecerão debates sobre conscientização e fiscalização das unidades, além de promover o diálogo acessível à população e novas experiências, sendo ambos assessorados por especialistas. Esse projeto possui um raio de abrangência de 120 km.



### ATMOSFERA

O projeto Atmosfera está localizado por toda a extensão dos principais rios dos Estado de São Paulo, com uma faixa de 500 m em cada lado dos rios, conectando e incorporando todos os projetos anteriores. Tem como objetivo a recuperação da biodiversidade; a despoluição dos rios em prol de melhorias no microclima dos grandes centros, influenciando positivamente na qualidade de vida da população; e acontecerá através da remoção progressiva de moradores das margens dos rios e da restauração da mataciliar com a implantação de parques lineares. Dessa forma, resultará numa rede integrada, em formato de corredores verdes, que possibilitam o respiro em meio aos adensamentos urbanos.

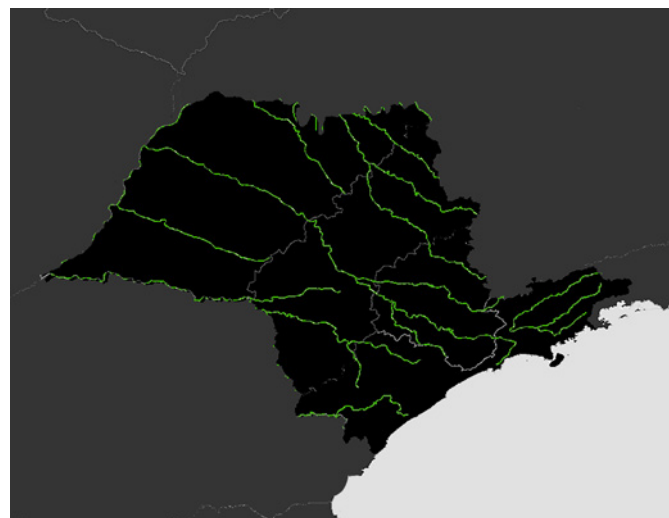
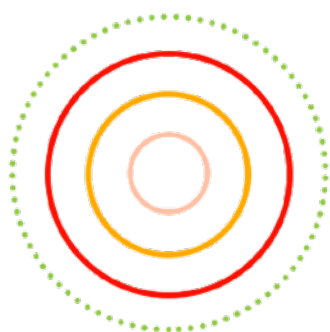


Imagem 6: Localização Projeto Atmosfera



#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos mapas, nota-se que o Estado de São Paulo apresenta grande vulnerabilidade por toda sua extensão, variando de acordo com o desenvolvimento de cada região. Apesar da existência de instrumentos que busquem promover melhorias ambientais, o cenário atual é prova do sistema falho e insuficiente atuante. Por décadas, questões socioambientais se tornaram secundárias quando relacionadas às econômicas. No entanto, com situações emergenciais, a vida e o bem estar voltam a ser pautas de importantes discussões, revertendo progressivamente a histórica inversão de valores intrínsecos à existência humana.



**ESFERA REVIVE**

Assim surge a necessidade de se repensar propostas existentes para adequá-las aos novos princípios de reestruturação ambiental e se justifica a elaboração do plano Esfera Revive, o qual, com o objetivo de criar cenários alternativos para organização territorial das regiões metropolitanas paulistas, atua de maneira integrada ao desenvolver uma rede que engloba todo

o estado e pontua cada projeto em função da hierarquia do raio de abrangência, os quais se conectam e se complementam, resultando em uma rede ecológica cíclica.

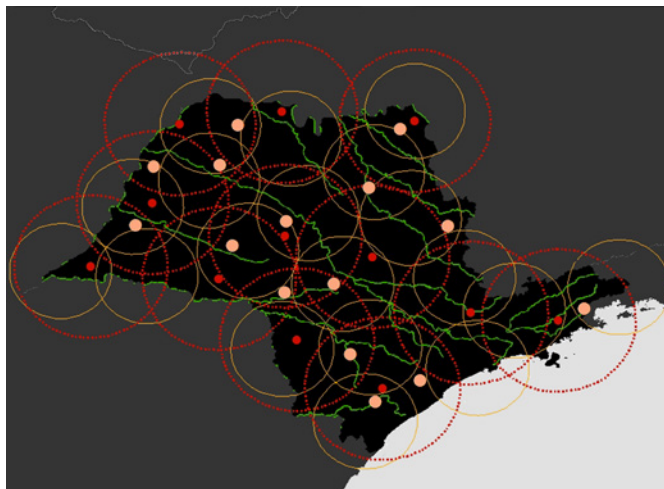


Imagem 7: Rede e Raios de abrangência

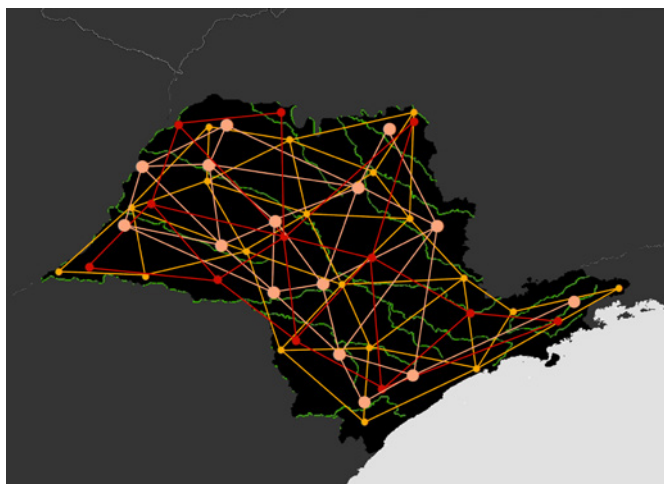


Imagem 8: Rede Interligada

# O DESAFINAR NA ARQUITETURA

A relação entre Arquitetura e Música

Trabalho desenvolvido na disciplina Teoria da Arquitetura  
Camila Valbert, 6º semestre; Carolina Xavier Pinto de Souza,  
6º semestre; Isabel Reis de Souza, 6º semestre; Larissa  
Namie Higa, 6º semestre; Leticia Vasquez Zerati, 6º semestre;  
Mariana Modesto de Oliveira, 6º semestre  
Arquitetura e Urbanismo PUC Campinas

## 1. ESSÊNCIA

Arquitetura. Música. Duas, das inúmeras formas de se expressar um sentimento. Duas, das inúmeras formas de se fazer Arte. Uma única razão: proporcionar sensações e emoções aos que se permitem viver tais experiências.

Capazes de gerar e alcançar formas singulares e únicas do sentir em cada indivíduo, elas são capazes de transformar. Transformar os sentimentos, as emoções, visões de mundo, realidades, sonhos, dentre tantas outras coisas - sem perder sua simplicidade. Aliás, a força e a potência de tais expressões em gerar essas diferentes interpretações, moram na simplicidade que elas têm.

Uma simplicidade complexa. Para que a Música, ou para que a Arquitetura proporcione tais sensações, se faz extremamente necessário um olhar para o inverso de cada arte, pois, ambas existem pelo seu negativo. O silêncio, apesar de contraditório, é quem constrói a música - a melodia, o ritmo são alguns dos elementos que a compõem e que se devem ao silêncio, a uma pausa, a uma ausência. Assim como na música, é a Arquitetura.

A Arquitetura é construída pelo vazio (ou deveria ser). O vazio na arquitetura é o espaço onde todas as relações e sensações acontecem. É o espaço no qual ocupamos. Sem vazio não há relações, não há sensações, não há Arquitetura. É na ausência do material que todo o pensamento de um arquiteto acontece, pois é no espaço que sentimos tais relações. É a percepção do espaço no tempo.

vazio.

percurso.

sentir.

silêncio.

A pausa.

O ouvir.

Para que uma música seja construída, diversos elementos são explorados das mais diversas maneiras. Letras, notas, pausas, melodia, são alguns desses elementos que tem como resultado final, a composição de um ritmo e de um movimento, sendo ele contínuo ou não. Assim como na música, isso também acontece na Arquitetura. De forma a moldar os vazios, é necessário criar e proporcionar diferentes sensações aos indivíduos. Explorar diferentes relações, como as de luz e sombra, altos e baixos, dentro e fora, estreito e largo, longe e perto, são algumas das formas possíveis.

Ademais, tanto a Música quanto a Arquitetura, geram e criam uma expectativa no ouvinte ou transeunte a partir de um movimento e de um ritmo criado (pelo som ou pelo espaço, pelas pausas ou pelo vazio). A quebra dessa expectativa ou um certo estranhamento também são exploradas e proporcionadas tanto na música, quanto na Arquitetura.

A partir dessas relações, também é possível notar a presença do improviso. O improviso, tanto na música, como na Arquitetura, entrega uma certa liberdade e autoria ao resultado final. Um desvio controlado, que respeita e obedece ao campo harmônico.

Sendo assim, foi escolhida uma música que melhor representasse essas relações entre a Música e a Arquitetura, bem como a complexidade de ambas. E que representasse, além do movimento, da fluidez e do ritmo, uma peculiaridade recorrente: a sensação de estranhamento ou de incerteza, provocada por uma quebra de expectativa, que gera um frio na barriga de quem a experimenta.

## 2. MÚSICA

Desafinado. Música composta por Tom Jobim e Newton Mendonça, gravada e interpretada por João Gilberto, no ano de 1959. Foi um grande sucesso e uma grande surpresa, diferente de tudo o que costumavam ouvir até então. Chegou revolucionando e inovando o modo de compor, tocar e cantar. E até hoje pode surpreender o ouvinte. Foi uma das músicas que lançou a Bossa Nova, um novo estilo, o qual a inteligência musical nos encanta.

A música por si só, já é de grande complexidade, porém, João Gilberto teve a capacidade de interpretá-la de forma a adicionar variantes que enriquecem uma versão. O jogo que ele cria entre melodia, ritmo e pulsação fundamental, são formas de expressar-se através da música.

No decorrer do texto, veremos como é possível relacionar estes elementos a Arquitetura, e assim como fez João Gilberto, que é possível trazer complexidade, surpresas e emoções a uma obra arquitetônica ao considerar tais variantes.

Uma das principais características da Bossa Nova, e que é elemento de destaque na música Desafinado, é a dissonância, revelada tanto na melodia quanto no arranjo de acordes.

Dissonância é a combinação de notas não harmônicas, que provoca estranheza e sensação de tensão.

Existem graduações de dissonância onde algumas chegam a ser extremamente desagradáveis. No caso da música Desafinado, a dissonância apresentada não chega a causar desconforto. Ela surpreende, pois se dá dentro de um contexto onde, na completude das notas, uma delas, destoa levemente (desce ou sobe um semitom), causando uma quebra, mas logo em seguida voltando à harmonia. Isso causa no ouvinte uma certa expectativa, que é quebrada no momento em que uma

das notas destoa. Na Arquitetura isso também é possível, causar surpresas pela quebra da expectativa, explorar o inesperado de forma equilibrada para não causar um desconforto muito grande.

Outra característica marcante na música, é o jogo rítmico dado pelo violão, percussão e a voz do cantor. Isto é, a Síncope. Figura rítmica que realça o tempo fraco de um compasso - causando a sensação de expectativa - ao invés de realçar o tempo forte (como é mais comum), causando a sensação de repouso. Essa quebra de hierarquia "forte-fraco" do compasso é que dá o balanço e o gingado característico da Bossa Nova.

A interpretação da música se dá como o percurso para a Arquitetura, ela é formada conforme o cantor realiza as notas, ou as percorre.

É pela voz de quem canta que se dá grande parte da interpretação. Além do cantar baixinho, intimista, quase sussurrando, é possível perceber que o canto não está subordinado a estrutura rítmica, ou seja, não existe lugar fixo para a maioria das frases, dando ao cantor a liberdade de se demorar ou se antecipar em relação ao início do compasso, causando um certo suspense, tensão e quebrando a expectativa de um alinhamento entre a pulsação fundamental do violão (que não muda) e o ritmo harmônico dado pela voz do cantor (que muda dependendo da interpretação de quem canta). É possível perceber isso, se analisarmos as gravações de João Gilberto, realizadas em épocas diferentes; em cada uma delas João começa as mesmas frases em acordes e em tempos diferentes, ora de forma mais acelerada, hora mais demorada. Segundo ele, assim o ouvinte sempre será surpreendido a cada versão, tirando a monotonia, dando movimento e dinâmica a música.

Em todas as interpretações feitas por João, ele procurou fazê-la de forma a não perder o sentido poético da composição "tirando excessos", da forma mais clara e natural possível, frisando as palavras mais importantes. Sua intenção era que o ouvinte não se desinteressasse

pela poesia ou história cantada, por isso começou algumas frases em momentos inesperados. Assim como não é desejável que o transeunte se desinteresse da obra arquitetônica e, para isso, é preciso surpreendê-lo de alguma forma.

A letra sintética e despojada nos aproxima e nos familiariza com a história que a Música conta. A relação amorosa descrita na música, destoa. Assim são as relações humanas, imperfeitas e nem por isso perdem sua beleza, pelo contrário. Essas relações se refletem na Arquitetura, por isso, peculiaridades ou particularidades destoantes também fazem parte de sua beleza.

É notável a complexidade desta composição quando percebemos que a melodia da música, ilustra o que a letra diz:

“Se você disser que eu desafino, amor”

Exatamente nesta frase o autor “desafina”, na sílaba “de”, aumentando meio tom, e na sílaba “mor”, diminuindo meio tom. E isso se repete em diversas partes da música, mostrando que letra e melodia não são fatores separados, mas que se complementam e se relacionam, um depende do outro.

Percebemos então que nesta obra musical, assim como na Arquitetura – aberturas, luz e sombra, espaço, estrutura, modulações, percursos - todos os aspectos se relacionam - ritmo, voz, interpretação, melodia, letra – e não devem ser analisados separadamente, mas sim como parte de um todo, já que as sensações provocadas tanto pela Música como pela Arquitetura se dão pela totalidade da obra, na junção de elementos que surpreendem por sua singularidade.

### 3. ARQUITETURA

A partir do pensamento sobre a análise técnica da música “Desafinado”, podemos fazer conexão com algumas obras arquitetônicas, de forma a relacionar as percepções causadas nas mesmas. Foram compreendidas três sensações distintas, entretanto, correlacionadas. Entre elas, temos a sensação de quebra de expectativa causada por um momento primário, que à medida que o transeunte percorre a obra, é refutada; um estranhamento proporcionado por certo elemento que se destoa do contexto geral; e também, o imprevisto, que permite certa liberdade.

#### 3.1. SESC POMPEIA

Fazendo o paralelo com o espaço do Sesc Pompeia (Lina Bo Bardi, 1986) podemos tratar a obra de Lina como “dissonante” a partir da observação, não de um elemento, mas de seu contexto. O projeto é composto por uma intervenção que consiste em três volumes, grandes e brutos, de concreto encaixados no contexto preexistente de uma vila industrial térrea de tijolos, causando um impacto significativo no cenário como um todo. A dissonância identificada não é perceptível somente pela observação da forma, pela

primeira vista de algo que parece incongruente, mas também pela sensação causada na pessoa que percorre os caminhos de pedra descobrindo a obra.

Essa sensação perceptível, à primeira vista ao entrar em contato com a intervenção, partilha uma linha tênue entre o estranho e belo, causada pela “discrepância” entre partes de uma mesma obra, há um estranhamento ao ver aqueles volumes monumentais dentre a vila industrial, ficamos surpresos devido à quebra do esperado. À priori parece uma ruptura na linguagem do todo, mas ao pensar sobre o cerne do Sesc Pompeia, sua conjuntura e propósito para com o todo, fica claro a intenção de Lina para o despertar o contexto, e a beleza do lugar que conversa com sua história.

E é nesse estranhamento que podemos associar à dissonância, algo que não parece estar certo, parece desconexo do todo à primeira sensação, seja uma nota ou uma tipologia edilícia, mas ainda assim tem beleza e propósito a ponto de despertar no espectador a vontade de entender o porquê.



Imagem 1 : Sesc Pompeia.  
Fonte: Foto autoral do grupo.

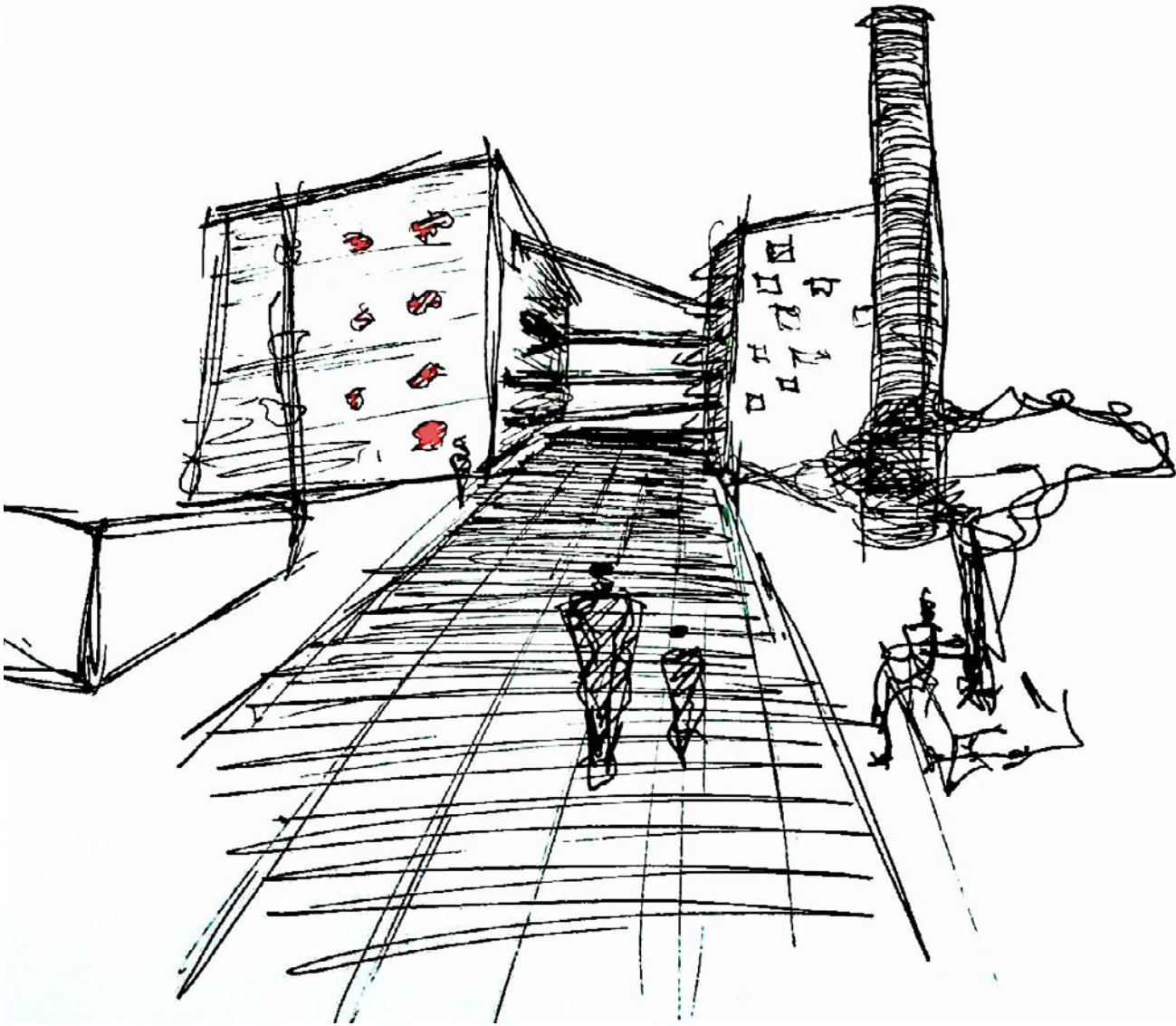


Imagem 2: Croqui Sesc Pompeia.  
Fonte: Produção autoral do grupo.

### 3.2. EDIFÍCIO DE MATEMÁTICA DA UNICAMP

Após a análise da música, fora remetido o sentimento perante a visita ao Prédio de Matemática da Unicamp, pois assim como a música "Desafinado", o prédio provoca uma expectativa no seu ingresso e surpreende ao adentrá-lo.

A fachada do prédio não possui características muito pontuais e nem diferenciadas, sendo essa de alvenaria, concreto e com aberturas horizontais. Para o ingresso, percorre-se por uma rampa que nos leva para uma cota mais baixa, causando a sensação de expectativa, uma vez que o esperado seria a entrada no mesmo nível do externo. Chegando ao fim da rampa, há uma escada que nos direciona para a grande surpresa do prédio, que é seu próprio interior, o qual é caracterizado como tal porém provoca uma sensação de externo, uma vez que o pátio de chegada é vasto e amplo,

contendo em si elementos circulares, criando em um uma arquibancada rebaixada e noutro um tanque com água. O pé direito extenso com uma cobertura passível da entrada de luz natural auxilia ainda mais a sensação de estar ao ar livre.

Ademais, assim como o jogo rítmico se faz de extrema importância na música, a construção explora o ritmo da subtração de elementos, ora retirando as escadas de duas das quatro extremidades, deixando, porém, o formato que seria necessário para sua colocação. Bem como os elementos circulares contidos no grande pátio, sendo um rebaixado e o outro elevado para suprir a água contida. Tal como se fez na música, a construção é capaz de causar sensações diversas ao transeunte, podendo ou não, como na canção, ser perceptível pelo mesmo.



Imagem 3: Interior Edifício da Matemática da Unicamp  
Fonte: Foto autoral do grupo.

### 3.3. FACULDADE DE ARQUITECTURA DO PORTO

Temos como exemplo também a Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, de Álvaro Siza, antigo aluno da escola, construída entre os anos de 1985 e 1996, em Porto, Portugal.

O projeto é constituído por dez edifícios, sendo o principal foco desta análise, os quatro edifícios com programa de salas de aula e ateliês,

que beiram o Rio Douro. O arquiteto buscou enquadrar as vistas que deseja que sejam apreciadas pelo observador e, para isso, cria uma diferenciação e um movimento entre os volumes, através de diferentes alturas e do posicionamento de aberturas em conjunto com as proteções solares.

O partido do projeto se dá através de uma sequência de quatro blocos, que são alinhados e seguidos um dos outros por uma mesma distância entre eles, porém, há uma quebra de expectativa quando Álvaro Siza subtrai um deles, criando um pátio entre os três primeiros e o quarto bloco, enquadrando ainda mais a vista para o Rio.

Siza explora o inesperado, para que essas quebras de expectativa não causem desconforto, mas sim, surpresa. Um sentimento de surpresa no observador e por quem lá passa, criando uma diferente sensação, uma vez que esse pátio quebra o ritmo existente nos três primeiros edifícios.

Outro ponto a ser observado, é o percurso feito pelo pedestre para chegar ao complexo de edifícios. O arquiteto criou um pátio triangular entre os dez blocos, que surge a partir de um caminho mais estreito que vai se expandindo, sendo algo inesperado também na visão de quem conhece o local. Cria momentos e sensações diferentes através desse jogo de aberturas e angulações, causando uma quebra de expectativa do que se esperava estar por vir, assim como na música Desafinado, explicada acima.



Imagem 4: Faculdade de Arquitectura do Porto pelas lentes de Fernando Guerra.

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/805973/faculdade-de-arquitectura-da-universidade-do-porto-pelas-lentes-de-fernando-guerra>

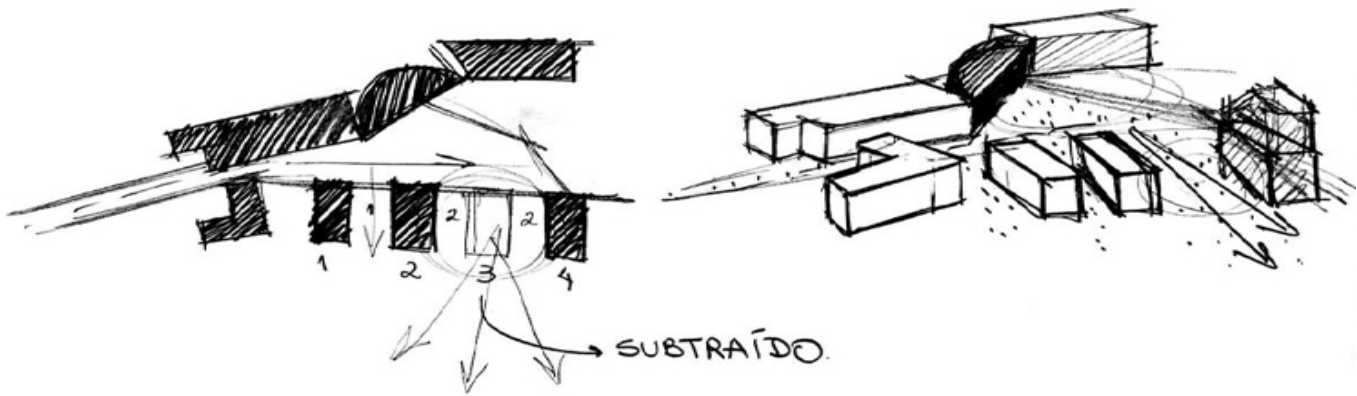


Imagem 5: Croqui Faculdade do Porto  
 Fonte: Produção autoral do grupo.

#### 4. CONCLUSÃO

A arquitetura, bem como a música, possui uma influência no sentir, e explora diversos caminhos, na busca por proporcionar tais sentimentos, ao percorrer a obra. Em essência, este texto, procura entender de que forma a arquitetura, assim como a música, geram provocações e exploram o sentir, o surpreender, o inesperado, de inúmeras maneiras a partir de um raciocínio construído. Música e a Arquitetura possuem inúmeros aspectos em comum, e explorar essa relação abre os olhos para novas possibilidades, enriquece a percepção sobre o espaço, inspira a criatividade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOUSA, E. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto pelas lentes de Fernando Guerra. **Archdaily**, 2017. Disponível em: <[https://www.archdaily.com.br/br/805973/faculdade-de-arquitetura-da-universidade-do-porto-pelas-lentes-de-fernando-guerra?ad\\_source=search&ad\\_medium=search\\_result\\_all](https://www.archdaily.com.br/br/805973/faculdade-de-arquitetura-da-universidade-do-porto-pelas-lentes-de-fernando-guerra?ad_source=search&ad_medium=search_result_all)>. Acesso em: 6, Maio, 2020.

TORRES, P. Bossa Nova. **Cola da Web**. Disponível em <<https://www.coladaweb.com/cultura/bossa-nova>>. Acesso em: 8, Maio, 2020.

BORGES, D. Bossa Nova – História, origem do movimento, características e artistas. **Conhecimento Científico**, 2020. Disponível em: <<https://conhecimentocientifico.r7.com/bossa-nova/>>. Acesso em: 6, Maio, 2020.  
 A Canção Contada. Qual Delas?, 2014. Disponível em: <<http://qualdelas.com.br/desafinado/>>. Acesso em: 6, Maio, 2020.

Desafinado. **Análise de Letras de Música**. Disponível em: <<https://analisedeletras.com.br/joao-gilberto/desafinado/>>. Acesso em: 8, Maio, 2020.

C., Othon. Desafinado, Tom Jobim e Newton Mendonça, 2009. **Ame o Poema**. Disponível em: <[http://ame-o-poema.blogspot.com/2009/02/desafinado-tom-jobim-e-newton-mendonca\\_02.html](http://ame-o-poema.blogspot.com/2009/02/desafinado-tom-jobim-e-newton-mendonca_02.html)>. Acesso em: 8, Maio, 2020.

GARCIA, W. **João Gilberto**. Cosac & Naify, 2014.

# ANSEIOS DE UMA ESTUDANTE DE ARQUITETURA: A PSICOLOGIA AMBIENTAL EM TEMPOS "MASCARADOS"

Maria Ligia Clemente, 4º semestre  
Arquitetura e Urbanismo PUC Campinas

Enclausurada entre quatro paredes, nunca pensei que um olhar direcionado à fresta da janela me proporcionaria tantas reflexões sobre tudo o que estamos vivendo em tempos de pandemia. Vejo cheios e vazios, vejo ruas que não são ruas, vejo olhos nas janelas e vejo a cidade passar por mim devagar, lenta. Quando penso que a cidade está apagada somente pelo fato dos comércios estarem fechados e pessoas não estarem nas ruas, ao mesmo tempo vejo que estou completamente enganada. As cidades agora estão reduzidas em pequenos milhões de núcleos, sendo que um deles está aqui, de onde vejo tudo passar. O que antes era só um cômodo destinado a cumprir com a sua simples função, agora é mais do que isso: é um espaço de análise, indagações, angústias, de projeções. Os trânsitos de automóveis das grandes avenidas viraram congestionamento de ideias e inquietações. Todas essas questões perpassam o fato de que o ambiente interfere no comportamento humano, assim como de modo bilateral o comportamento também molda todo o ambiente, pois toda a maneira em que vivemos nos espaços influenciam diretamente em nossas características, percepções e modos de reagir a determinadas situações.

Assim, diante de todo esse contexto atual conturbado, pensar nas consequências das relações que estamos criando com o espaço em que habitamos é inevitável, assim como refletir no futuro da arquitetura e da psicologia também é inerente, além de muitas outras áreas do conhecimento. A disciplina que abrange esses dois campos de conhecimento é conhecida por Psicologia Ambiental e ela é responsável por interligar relações que envolvem a maneira pela qual os ambientes são estruturados e articulados, bem como estes têm influência direta e indireta na forma de ser e agir de um indivíduo. De acordo com Dave Alan Kopec, professor da New School of Architecture and Design de San

Diego e especialista na área de psicologia ambiental, a psicologia do espaço é a disciplina que se presta "ao estudo do comportamento humano em suas inter-relações com os ambientes naturais e construídos", e essa área foi se tornando cada vez mais notável tendo em vista a maneira como a arquitetura evoluiu ao longo dos anos. A necessidade de pensar no indivíduo na execução de um projeto foi se tornando cada vez mais imprescindível e muitas construções pensavam exatamente nesse viés. Um dia, conversando com o professor Joaquim Caetano de Lima sobre a relação da psicologia com a arquitetura, ele disse, dentre muitas outras falas concludentes, "e existe coisa mais linda do que o ser humano que habita a arquitetura e a arquitetura que o habita?". Levo essa frase com tudo que faço, e nesse momento não seria diferente: pensar no futuro da psicologia ambiental, no funcionamento das cidades, no urbanismo voltado às restrições sanitárias, na maneira de pensar no desenvolvimento de um projeto, em como o ser humano passa por uma ressignificação em épocas de crise, e dentre muitas outras questões.

"A crescente importância do trabalho avaliativo enquanto subsídio a novos projetos, ou face a programas de reforma/manutenção do espaço construído (Ornstein 1992, 1997), representa a conscientização de que pouco contribuiremos socialmente se continuarmos a enfrentar cada problema de modo isolado, esquecendo que o principal objetivo da edificação (ou conjunto edificado) deve ser garantir a qualidade de vida da população. Sob esta ótica, o edifício deixa de ser encarado apenas a partir das suas características físicas (construtivas) e passa a ser avaliado/discutido enquanto espaço "vivencial", sujeito à ocupação, leitura, reinterpretação e/ou modificação pelos usuários, ou seja, ao estudo de aspectos construtivos e funcionais do espaço construído acrescenta-se a análise comportamental e social essencial

---

à sua compreensão". (GLEICI AZAMBUJA ELALI, 1997, Estudos da psicologia, Psicologia e Arquitetura: em busca do locus interdisciplinar, p.353)

A tarefa para nós, arquitetos urbanistas, deixa muito ao longe a simples função de projetar. Quando temos a informação nos noticiários de que muitas pessoas estão desenvolvendo transtornos de saúde mental, como ansiedade, insônia e depressão justamente por conta da quarentena instalada, isso também é alvo de estudo para nós, e não somente à psicologia. Isso nos faz questionar a relação indivíduo-cidade, questões de infraestrutura, e principalmente de habitação. O que nós como profissionais e como classe privilegiada por ter acesso ao conhecimento podemos fazer para atenuar problemas relacionados à falta de infraestrutura em regiões periféricas? A falta de acesso de muitas pessoas ao se protegerem do vírus que circula nas cidades? É nosso dever nos preocupar com o futuro da arquitetura, e como disse o professor Caetano, de quem a habita. Por isso, vamos pensar em novas técnicas, em inovar modos de pensar, em transformar a quarentena em uma oportunidade de mudar a vida de quem não possui condições de estudar, de se resguardar em casa, e de se proteger.

**É nossa função ser humano.**

**Ser humano.**

# POESIA DA TÉCNICA

Arquitetura vernacular e as assessorias técnicas como uma possibilidade na habitação social.

Trabalho desenvolvido na disciplina Teoria da Arquitetura  
Beatriz Engholm 8º semestre; Marcela Cardinalli 8º semestre  
Arquitetura e Urbanismo PUC Campinas

## INTRODUÇÃO

A casa própria, principalmente em um país como o Brasil, com um déficit habitacional de 7,78 milhões de moradias (2017), sempre representou muito mais que apenas um lugar de morar. É símbolo de vitória, de conquista, de ingresso na vida adulta. É o local que representa a individualidade do cidadão e de sua família em determinado contexto. Contudo, a grande maioria dos projetos de habitação de interesse social promovidos pelo governo deixa de transmitir isso: acabam sendo soluções padronizadas, visando mais a quantidade em detrimento da qualidade e a maior geração de lucro.

Essa prática resulta em uma visão carregada de estigmas da habitação social, que, também por uma série de outros fatores, acaba por ser reconhecida pelas suas deficiências: localização periférica e pouco valor urbano e arquitetônico. O problema se estende ao pensar na implantação de soluções praticamente idênticas ao longo das cinco regiões de um país de dimensões continentais, pouco relacionadas ao contexto cultural, geográfico e social desses lugares, que apresentam um rico patrimônio de técnicas construtivas alternativas tão eficientes (ou até mais) quanto técnicas convencionais (concreto e alvenaria). O intuito do trabalho é pensar em uma alternativa à lógica predominante na produção de habitação social atualmente a partir da perspectiva da arquitetura vernacular por intermédio das assessorias técnicas, de modo a produzir uma arquitetura de melhor qualidade e mais integrada ao contexto que está inserida, construindo mais do que casas, mas sim verdadeiros lares para essas pessoas.

### ARQUITETURA VERNACULAR: CONCEITO E APLICAÇÃO NO BRASIL

#### HABITAÇÃO BRASILEIRA

"Arquitetura vernacular pode ser dito àquela linguagem arquitetônica das pessoas' com seus 'dialetos' étnicos,

regionais e locais.'"", descreveu Paul Oliver, autor da Enciclopédia da Arquitetura Vernacular do Mundo. É uma arquitetura que leva em conta a singularidade de cada lugar, como questões geográficas e culturais, ligada ao modo de construir utilizando materiais da região e técnicas adquiridas por gerações. A arquitetura vernacular busca também conceitos básicos e antigos de arquitetura sustentável, aliando eficiência energética e a utilização de materiais e recursos próximos do lote. Em uma era em que a oferta de materiais está disseminada muito além da nossa região, é essencial levar em consideração a energia e o custo despendido no transporte de matéria prima.

Além disso, carrega também a conotação simbólica: proporciona uma conexão antiga entre os seres humanos e o meio ambiente. Remonta a evolução da arquitetura ao longo dos tempos, os fracassos e acertos que culminaram em tipologias interessantes. No Brasil, existe uma pluralidade de técnicas de arquitetura vernacular espalhadas pelas regiões.

#### PALAFITA

Na região Norte a solução mais característica é as habitações de palafita – nas quais a inteligência está nas estruturas de madeira erguidas sobre estacas, para evitar a inundação da edificação, e no telhado descolado para ventilação e sombreamento máximo da construção em função do clima extremamente úmido e de incidência solar intensa.

#### CASA QUILOMBOLA

No Nordeste, além das palafitas, observa-se as habitações quilombolas, que consistem em casas de terra como matéria prima principal, principalmente de pau-a-pique ou de taipa de pilão. Além da terra ser um material que proporciona um bom conforto térmico para uma edificação inserida em uma região de clima quente, o telhado, muitas vezes feito de palha, é um material

abundante na região. Contudo, é mais suscetível à degradação, podendo facilmente ser substituído por madeira. Os beirais aqui também são estendidos, tendo função tanto de proteger as paredes de terra, quanto de sombrear a construção.

### CASA PANTANEIRA

Já no Centro-Oeste, pelo bioma do Pantanal, também se encontram construções de palafita, mas também se predomina as construções de pau-a-pique e adobe (casas pantaneiras). Pelo seu conforto térmico, comportam bem um clima quente e seco, como o da região central do país. Para isso, também contribui a ausência de forro na maioria das habitações, tornando o pé direito mais alto.

### CASA DE TERRA

No Sudeste, existem múltiplos exemplos de construção

de terra, desde as casas bandeiristas até cidades como Ouro Preto e Paraty, que têm sua arquitetura característica majoritariamente de barro. Pela sua abundante disponibilidade e baixo custo, tornou-se uma característica da arquitetura colonial do Sudeste.

### CASA DE MADEIRA

Por fim, na região Sul, predomina-se o uso de elementos de madeira na estrutura das habitações, devido à forte presença de imigrantes europeus e do clima mais frio. Estruturas inteiramente de madeira, ou enxaimel (paredes montadas com hastes de madeira encaixadas entre si em espécies de tirantes com fechamento em pedra ou tijolo) caracterizam a arquitetura do Sul, sendo adequadas para a manutenção do conforto térmico adequado para temperaturas mais baixas.



Imagem 1: Arquitetura vernacular no Brasil

## ARQUITETURA VERNACULAR COMO OBJETO DE ESTUDO NA HABITAÇÃO



### VERNACULAR NÃO PRIMITIVA

Tão relevante é a arquitetura vernacular que já foi objeto de estudo de renomados arquitetos, incluindo Frank Lloyd Wright, Le Corbusier e o brasileiro Lúcio Costa. Contudo, seu conhecimento vem se perdendo em função da globalização de tipologias arquitetônicas, movida pela hegemonia e valorização de materiais manufaturados da indústria da construção civil. Parte disso se deve também pelo fato de que a concepção de arquitetura vernacular ainda se mistura muito com a visão de uma arquitetura antiquada e precária. Contudo, há de se distinguir o conceito de arquitetura primitiva e arquitetura vernacular. O arquiteto Amos Rapoport, em seu livro "House form and culture", faz essa distinção: "A primitiva se refere à arquitetura das sociedades tecnológica e economicamente pouco desenvolvidas, mas correspondendo ao uso da inteligência, da habilidade e dos recursos desses povos em toda sua extensão. São sociedades sem grande grau de especialização e orientadas pela tradição, onde impera a relação próxima entre forma e cultura e a longa persistência dessas formas. O conhecimento necessário à construção de moradias nesse contexto é comum a todos os membros do grupo. As edificações vernaculares pré-industriais se

distinguiriam das primitivas pela existência da figura do 'construtor'. Neste contexto, a 'forma aceita', ou modelo, permanece e o processo de construção é baseado em ajustes ou variações, havendo, portanto, mais variabilidade individual. As sociedades que produzem esta arquitetura seriam 'voltadas para a tradição' e as mudanças ocorreriam no marco de uma herança comum e de uma hierarquia de valores que se reflete nos tipos construídos".

E é justamente a figura do construtor mencionada por Rapoport que é crucial para sustentar a possibilidade viável dessa arquitetura ser implantada em projetos para habitação social e reverter a lógica de enxergar as técnicas tradicionais como um passado desprezível ao invés de um futuro promissor.

Uma tentativa válida e notória desse processo foi o projeto da vila de Nova Gurna, no Egito, do arquiteto Hassan Fathy, na década de 40. Ele foi encarregado pelo governo egípcio de construir habitações para realocar uma tribo de 7000 pessoas cujo vilarejo havia sido destruído. Durante toda sua carreira, Fathy defendeu a arquitetura que valorizasse a tradição, além do uso de materiais locais e técnicas que pudessem ser ensinadas aos próprios camponeses, garantindo-lhes autonomia para não depender de mão-de-obra especializada

ou de materiais convencionais como o concreto. Ele também criticava a lógica em voga na atuação dos arquitetos, que, de acordo com ele, se dedicam apenas a projetos em série em detrimento da individualidade de cada casa: "se enfiar as famílias dentro de fileiras e mais fileiras de casas idênticas, então algo nessas famílias morrerá, principalmente se elas forem pobres. As pessoas se tornarão desinteressantes e desanimadas como suas casas, e a imaginação delas murchará", escreveu. Então, propôs 70 edifícios-modelo feitos de tijolo de terra crua e com cobertura em formato de cúpula com aberturas, remontando as tipologias tradicionais da região, além de edifícios cívicos e praças públicas.

Por questões governamentais e por questões culturais locais, o projeto não funcionou exatamente conforme esperava Fathy, que enfrentou boicote de fundos pelo próprio governo e relutância e descrédito dos moradores no projeto, mas sua obra ainda é estudada em universidades do mundo todo e seu nome é até hoje referência em construção sustentável e arquitetura vernacular.

Uma dinâmica muito semelhante pode ser identificada no Brasil ao considerar-se a contradição de um país com um vasto patrimônio de técnicas construtivas de qualidade, em especial com terra, e uma significativa parcela da população vivendo em assentamentos irregulares e moradias precárias. Contudo, não se pode esperar dessas pessoas que simplesmente produzam sua habitação meramente

por existir uma possibilidade de solução por inteligência local – acima de tudo, a produção de moradia digna é dever do Estado, e, como já discutido, essa não se enquadraria em uma construção vernacular pela ausência da figura do construtor. Mas sabe-se que, historicamente, essa obrigação nem sempre é cumprida, e a partir disso nascem vários movimentos políticos e programas em prol da produção de moradia para as faixas menos favorecidas da sociedade. Um desses programas, previsto por lei, é a assessoria técnica, que pode ser o elemento fundamental para o fortalecimento da arquitetura vernacular como possibilidade na habitação.



Imagem 2: Fonte: Hassan Fathy - Architecture

## ASSESSORIA TÉCNICA E ARQUITETURA VERNÁCULAR: UMA POSSÍVEL PARCERIA

### ASSESSORIAS TÉCNICAS

O conceito de assessoria técnica surge em 1976, em publicação do Sindicato dos Arquitetos do Rio Grande do Sul (SAERGS) patrocinado pelo CREA/RS, como proposta de Assistência Técnica à Moradia Econômica, o Programa ATME, coordenado pelos arquitetos Clovis Ilgenfritz da Silva, Newton Burmeister, Carlos Maximiliano Fayet e Claudio Casaccia e os advogados Manuel André da Rocha e Madalena Borges. A assessoria ou assistência técnica consiste em uma dinâmica de projeto e construção por meio da "autogestão assistida", ou seja, um canteiro administrado e executado pelos próprios futuros moradores, mas com assessoria de arquitetos, engenheiros civis e outros profissionais de apoio. Seu intuito é questionar a produção autoral e estritamente comercial da arquitetura por meio de processos alternativos à lógica da indústria da construção civil predominante por meio de estéticas e técnicas contra-hegemônicas, garantindo a famílias de baixa renda o atendimento por profissional competente para elaborar projeto e executar a obra. Desde então, movimentos sociais desenvolveram experiências com a assessoria técnica, ganhando cada vez mais visibilidade e respaldo de políticas públicas, até que em dezembro de 2008 é sancionada pelo presidente a Lei Federal 11.888/2008, que cria a Assistência Técnica Pública e Gratuita às famílias de baixa renda, também conhecida desde a origem como Programa ATME – Assistência Técnica à Moradia Econômica. Dentre as principais assessorias técnicas no estado de São Paulo encontram-se a USINA CTAH, Ambiente Arquitetura e a ONG Peabiru Trabalhos Comunitários e Ambientais.

Um dos principais pilares da assessoria técnica é o seu caráter pedagógico: os responsáveis técnicos – principalmente arquitetos e engenheiros

– transmitem o conhecimento necessário para uma população leiga executar as diversas etapas da obra, desde a fundação até o acabamento – um ensino prático, onde se aprende fazendo. Além disso, prestam auxílio nas etapas de desenvolvimento do projeto, de modo que o resultado é criado em grande parte pelos moradores, de acordo com suas especificidades, gostos e desejos. Isso garante uma atenção maior a individualidade de cada família, aspecto negligenciado pela grande maioria de projetos de habitação de interesse social.

Fica claro, então, as assessorias técnicas assumindo o papel do "construtor" enunciado por Rapoport em sua distinção entre arquitetura primitiva e vernacular: é a figura que adapta, incrementa e potencializa a técnica construtiva a partir de seus conhecimentos e possibilita a variabilidade de tipologias, mas nunca se esquecendo dos fundamentos da tradição e da inteligência local. A ação das assessorias também muito se assemelha à dinâmica defendida por Fathy, de libertar essa população desfavorecida da dependência de mão-de-obra especializada e da hegemonia dos insumos da indústria da construção civil por meio do ensino in loco.

Portanto, a aliança entre profissionais da construção civil habilitados e população local pode ser muito proveitosa para a aplicação de técnicas vernaculares na arquitetura de interesse social. De um lado, moradores que carregam com si uma herança cultural valiosa e saberes inerentes das soluções arquitetônicas do contexto que estão inseridos – de outro, profissionais que detêm um conhecimento técnico capaz de potencializar as qualidades dessas soluções e amenizar suas limitações. Essa combinação pode gerar resultados muito interessantes, que muito além de solucionar um mero problema quantitativo de moradia, concebe a essas pessoas uma arquitetura de qualidade, bem inserida em seu contexto cultural e bioclimático e que gere um sentimento de apego e identificação aos seus usuários pela coparticipação em todo o processo de construção.





Imagem 3: Fonte Usina CTAH



Imagem 4: Fonte: Fonte Usina CTAH



Imagem 5: Fonte: Fonte Usina CTAH



Imagem 6: Fonte: Fonte Usina CTAH

## CONTRAPONTO



Imagem 6: Projeto pela Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU) no município de Santa Fé do Sul - SP. Nota-se nitidamente a padronização das casas e os espaços estreitos entre um imóvel e outro. Fonte: Fonte Usina CTAH

## A LÓGICA DO CAPITAL

Por que, então, pouco se utiliza de um recurso previsto por lei – as assessorias técnicas – e de técnicas simples e proveitosas tradicionais brasileiras? A resposta aparece quando pensamos a questão da moradia sob a perspectiva do Estado como instituição. O intuito da implantação de projetos de habitação de larga escala como o Minha Casa, Minha Vida (MCMV) tem, em linhas gerais, dois objetivos: solucionar o déficit habitacional e movimentar a economia. Fica claro, então, como a adoção de soluções pré-concebidas e de materiais convencionais é mais interessante sob essa perspectiva – licitações de matéria-prima da indústria da construção civil e a contratação de mão-de-obra gera movimento no setor econômico, além da convencionalidade de estruturas de alvenaria e concreto, que contam com uma pluralidade de

prestadores de serviço qualificados nesse ramo, o que resulta em um menor tempo de obra e uma entrega mais rápida dos imóveis – isso sem entrar no mérito das brechas para corrupção e superfaturamento nesses processos.

Contudo, isso gera um impacto na cidade e na sociedade: além da localização periférica para que muitas vezes esses projetos acabam sendo “empurrados” pelo valor baixo do terreno, essas soluções padronizadas, pouco flexíveis e de funcionalidade prejudicada – ou seja, pouco valor arquitetônico – acabam por caracterizar a habitação social, que passa a ser desprezada, guetificada e discriminada. Deve se pensar, portanto, até que ponto vale a pena prosseguir com a lógica imperativa do capital em detrimento de uma produção de cidades de qualidade e habitações dignas.

## CONCLUSÃO

Vale ressaltar que o intuito do trabalho não é romantizar as técnicas construtivas vernaculares ou apontá-las como solução universal para a questão da habitação no Brasil. Assim como entende-se suas qualidades, entende-se também suas limitações frente ao concreto e a alvenaria tradicional, principalmente quanto a projetos de larga escala. Pretende-se, sim, apontar esse caminho como uma alternativa possível para se repensar a habitação social no país, hoje tão refém de grandes agentes financeiros, como empreiteiras e o mercado imobiliário, e reconhecer as assessorias técnicas como chave para impulsionar a arquitetura vernacular nesses projetos, dando a essa faixa desfavorecida da população a chance de uma habitação digna e singular.

Em tempos que tanto se discute sobre sustentabilidade, é pobre demais pensar na inteligência de soluções simples de conforto

térmico nas técnicas vernaculares brasileiras apenas em nível histórico, a serem apenas lembradas em teoria. A questão histórica deve, sim, ser sempre lembrada – afinal, um dos fundamentos da arquitetura vernacular é a valorização da tradição local e seu reconhecimento como degrau necessário para se chegar ao conhecimento que se tem hoje. Mas esse patrimônio, aliado ao conhecimento e as tecnologias atuais, pode ser extremamente bem aproveitado para uma maior eficiência ambiental da edificação.

A arquitetura vernacular abre portas para uma ressignificação da produção de moradia de interesse social no Brasil a partir de um questionamento da lógica predominante no ramo da construção civil e nas políticas públicas de habitação, imperada pelo capital. Cabe a nós, arquitetos, lutar pelo que nos é encarregado por definição: pela cidade, pela habitação, pelas pessoas.

“Arquitetura é, definitivamente, um ato político.”

Peter Eisenman



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERCITO, Diogo. O arquiteto egípcio que se tornou referência por fazer casas para os pobres. Folha de S. Paulo, Madrid, 17 jun. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/06/o-arquiteto-egipcio-que-se-tornou-referencia-por-fazer-casas-para-os-pobres.shtml>>. Acesso em: 04 dez. 2019.

Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB). Manual para a Implantação da Assistência Técnica Pública e Gratuita a Famílias de Baixa Renda para Projeto e Construção de Habitação de Interesse Social. Porto Alegre: Tecnodata, 2010.

PINTO, Luis Alexandre Amaral Pereira; SILVA, Marcela Faria. A ALVENARIA DE SOLO-CIMENTO E A ASSISTENCIA TÉCNICA PARA HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL: ENSAIOS DE UMA ARQUITETURA POSSÍVEL. Campinas. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2019.

SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. A promoção privada de habitação econômica e a arquitetura moderna 1930-1964. São Paulo. Editora FAPESP, 1999.

TEIXEIRA, Rubenilson Brazão. Arquitetura vernacular. Em busca de uma definição. Arqtextos, São Paulo, ano 17, n. 201.01, Vitruvius, fev. 2017 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/17.201/6431>>. Acesso em 03 dez. 2019.

Usina. Arquitetura, política e autogestão: um comentário sobre os mutirões habitacionais. Revista Urbânia 3. São Paulo. Editora Pressa. 2008. Disponível em <http://www.usina-ctah.org.br/comentariosobreosmutiroes.html>. Acesso em: 05 dez. 2019.

VILAÇA, Ícaro; CONSTANTE, Paula. Usina: entre o projeto e o canteiro. São Paulo: Edições Aurora, 2015.



# RESPIROS URBANOS: PRAÇAS E PARQUES

Bruna Altero Merotti, Arquiteta e Urbanista;  
Juliana Damas de Carvalho e Silva, Arquiteta e Urbanista;  
Paulina Hossri Fernandez, Arquiteta e Urbanista  
Arquitetura e Urbanismo PUC Campinas

Corpo do texto Praças e parques têm se mostrado cada vez mais importantes para a qualidade de vida nas grandes cidades. Estes vazios urbanos caracterizam-se, atualmente, como locais de estar, contemplação, convívio social e lazer. Segundo Cristian Portzamparc (1997, p. 47), estes respiros urbanos surgiram já na primeira era da formação das cidades. Também, segundo o autor, nesta “era” as cidades foram organizadas por um sistema único e simples: a rua. O homem traçou seu caminho entre as massas construídas, como se abrisse passagem por uma floresta, “recortando” assim as ruas. Os vazios dos espaços públicos, conformados pelas bordas cheias, seriam como as clareiras da floresta e, exercem a função de praça. Esses espaços possuíam também outras funções sociais como uso religioso, militar, comercial, feiras, entre outros.

Atualmente, os espaços públicos por muitas vezes são esquecidos ou subutilizados. No entanto, desempenham importante função social, pois representam o momento de ócio da sociedade e dão suporte para a vida coletiva das cidades, para a cultura e para a vida social de seus habitantes. É importante “perder” tempo, usufruir destes espaços de parada, de respiro. A sociedade valoriza a produção constante, entretanto produzir a cidade para as pessoas tem maior

importância, pois os momentos de lazer trazem mais vivacidade, saúde e bem-estar para os cidadãos.

Para que a população de fato ocupe este espaço é importante que a praça ou o parque esteja integrado com a cidade, fazendo parte da rotina dos cidadãos. Segundo Gehl (2013), a facilidade de ir e vir tem grande influência para que os usuários permaneçam no espaço. Além disso, para fomentar essa vivacidade é fundamental que o espaço ofereça e possibilite uma gama diversificada de atividades e usos, mobiliários urbanos e equipamentos, como bancos, equipamentos de ginástica, mesas de jogos, parquinho, entre outros. A presença da natureza também é de extrema importância pois atuam como proteção contra intempéries.

Os respiros urbanos – praças e parques em meio ao tecido urbano consolidado - que proporcionam um contato com a natureza, influenciam positivamente tanto na saúde física como mental dos usuários. Além disso, iluminação, fachadas ativas e permeáveis, como lojas ou comércios, e casas com grades, possibilitam a visibilidade e garantem a segurança pela presença de “olhos nas ruas” (JACOBS, 2011), proporcionando maior sensação de segurança do que altos muros.

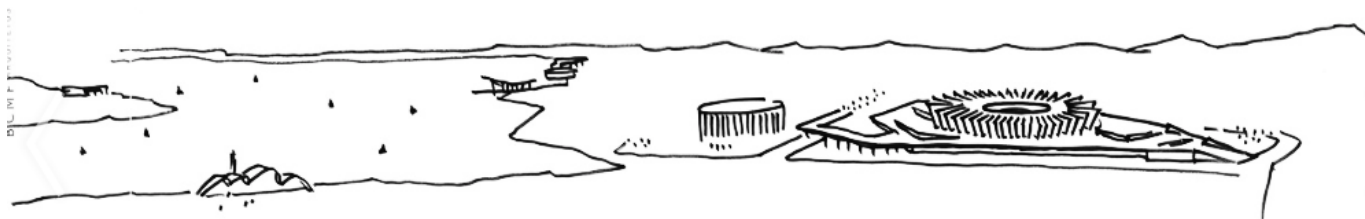


Imagem 1 – Croqui da Pampulha. Fonte: Oscar Niemeyer

### Estudo de Caso: a Lagoa da Pampulha

A Lagoa da Pampulha é uma das mais conhecidas áreas de lazer públicas de Belo Horizonte, Minas Gerais – Brasil. Inicialmente, no projeto constava apenas a criação de uma lagoa, com a finalidade de amortecer enchentes e contribuir para o abastecimento da capital. A obra

foi concluída em 1943 e, o então prefeito Juscelino Kubitschek, decidiu usufruir da lagoa para construir um complexo arquitetônico, com projeto de Oscar Niemeyer, como parte dos planos de modernização para a cidade.



Imagem 2 – Mirante da Pampulha. Fonte: Paulina Fernandez

O Cassino, o late Clube e a Casa de Baile foram os primeiros edifícios a serem projetados por Oscar Niemeyer e construídos pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, na Pampulha. Entre os

anos de 1940-42, estes edifícios atendiam o objetivo do plano de prover a cidade com atrações turísticas e com locais de recreações e prática de esportes.



Imagem 3 – Casa de Baile. Fonte: Paulina Fernandez

O complexo da Pampulha guardava semelhanças com outros dois da época: o Grande Hotel de Araxá, do arquiteto Luiz Signorelli, inaugurado em 1944; e o Hotel Cassino Quitandinha dos arquitetos Luís Fossati e Alfredo Baeta Neves, em Petrópolis, inaugurado no mesmo ano. Ambos dispunham de parques e lagos artificiais e, estavam associados a loteamentos residenciais do tipo “bairro-jardim”. Contudo, enquanto os dois adotavam estilos arquitetônicos tradicionais, na Pampulha foram reunidos os protagonistas do Modernismo brasileiro: Niemeyer, Burle Marx e Portinari. O resultado foi uma extraordinária integração entre arquitetura, paisagismo e artes plásticas, tornando o conjunto em uma obra de arte de escala urbana. Os três edifícios foram implantados em pontos proeminentes das margens da lagoa, na região próxima à represa, formando uma unidade paisagística. De cada um desses edifícios, são vistos os outros dois.

O retilíneo late Clube contrasta com a curvilínea Casa do Baile e ambos se harmonizam

com o equilibrado jogo de retas e curvas do Cassino. Os projetos paisagísticos dos jardins desses edifícios, autoria de Burle Marx, formulam uma linguagem inovadora e ainda presente no paisagismo contemporâneo: formas de curvas livres, submetidas a um ordenamento, seja pela junção de manchas com contrastes cromáticos, seja pela oposição entre espécies verticais e rasteiras, ou ainda pela configuração espaiada, o que conduz o olhar e o corpo a um movimento contínuo e sinuoso.

Este grande respiro urbano está inserido no coração do bairro da Pampulha. É um espaço público que dá suporte para uma grande gama de atividades. Atualmente, tornou-se um polo cultural, pois o antigo Cassino, a casa de JK e a Casa de Baile funcionam como museus. Nesse espaço também ocorrem manifestações culturais em algumas épocas do ano, como por exemplo, o carnaval que começa na Casa de Baile e espalha-se pela orla até próximo à estátua da deusa Iemanjá, onde ocorrem as tradicionais festas do candomblé.

A Lagoa da Pampulha também funciona

como uma área de lazer esportivo, pois conta com dois estádios de futebol, o Mineirão e o Mineirinho e, com academias de ginástica ao ar livre. Na orla de 18 quilômetros de extensão pode-se observar, ao longo do dia, pessoas caminhando, correndo ou andando de bicicleta. As fachadas, muitas delas

abertas, com comércios e bares, funcionam até o período da noite, proporcionando assim a sensação de segurança não só durante o dia. Ademais, a orla toda conta com calçadas amplas e uma boa iluminação, o que facilita o uso deste espaço mesmo no período noturno.



Imagem 4 – Lagoa da Pampulha e praças na orla. Fonte: Paulina Fernandez



Imagem 5 – Lagoa da Pampulha e praças na orla. Fonte: Paulina Fernandez

Este respiro urbano evidencia o contato com a natureza. Em toda orla há árvores que proporcionam sombra e espaços de permanência para seus usuários. Burle Marx, responsável pelo paisagismo, utilizou diferentes cores, texturas e portes de vegetação, proporcionando assim diferentes experiências para os frequentadores da Lagoa. Entretanto, em alguns pontos existem

grades para preservar os jardins, que acabam por afastar as pessoas, dando a este local uma função contemplativa e não de permanência. As diversas lixeiras existentes por todo o local auxiliam na manutenção e na conservação dos jardins. Antigamente, era possível pescar ou navegar de barco pela lagoa, hoje não mais, pois esse corpo de água passa por desassoreamento.



Imagens 6 – Casa JK. Fonte: Paulina Fernandez

Ademais, o arquiteto Oscar Niemeyer preocupou-se com a implantação de cada edifício, projetando assim fachadas abertas que se comunicam visualmente com seu entorno e com os enquadramentos da paisagem. Um exemplo é que da Igreja de São Francisco de Assis, popularmente

conhecida como Igrejinha, não é possível ver a Casa de Baile, nem o antigo Cassino e vice-versa, uma forma de evitar retaliações dos mais conservadores e assim não se misturaria o sagrado com o profano, um pensamento comum à época.



Imagem 7 – Praça da Igrejinha da Pampulha. Fonte: Paulina Fernandez

Por se tratar de um bairro nobre de Belo Horizonte, com muita infraestrutura disponível, seria esperado que a área da lagoa da Pampulha sofresse um processo de verticalização. Esta possibilidade já foi discutida, entre construtoras privadas e o município, em 2008, porém não teve aceitação popular e em 2010, a nova lei de uso e ocupação passa a vetar a verticalização na área.

Vale ressaltar que, a Lagoa da Pampulha conta com uma gama muito grande de atrações, as quais dificilmente encontramos em outros espaços públicos. Entretanto, seu sucesso dá-se também por outros motivos, além do suporte a diferentes atividades, por estar inserido na cidade e conectado a ela, não se tratando de um elemento isolado e pela facilidade de ir e vir, que interfere diretamente no uso cotidiano de espaços públicos. A presença de fachadas ativas e abertas de comércios e serviços, uma boa iluminação, a existência de mobiliário

urbano, arborização e calçadas amplas também são essenciais para o sucesso desse local.



Imagem 8 – Praça da Igrejinha da Pampulha. Fonte: Paulina Fernandez

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FACCHINETTI, Gisele. *Respiro Urbano: da Praça ao Parque*. Orientador: Roberto Alfredo Pompéia. 2015. 104 f. Trabalho Final de Graduação (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://issuu.com/gizelefacchinetti/docs/tfg>. Acesso em: 10 jun. 2018.

GEHL, Jan. *Cidades para pessoas*. São Paulo, Perspectiva, 2013.

JACOBS, Jane. *Morte e Vida das Grandes Cidades*. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. 532 p. ISBN 978-85-7827-421-4.

PORTZAMPARC, Christian de. *A terceira era da cidade*. Ócolum, São Paulo, n.9, FAU PUC-Campinas, 1997, p. 47

SANTOS, Vanessa Martins dos. *Respiros urbanos – no baixo Augusta:*

*proposta de uma fábrica de cultura*. Orientador: Maria Cláudia Oliveira. 2017. 105 f. Trabalho Final de Graduação (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Paulista, São Paulo, 2017. Disponível em: [https://issuu.com/vanessa\\_martins\\_sts/docs/caderno\\_monografia\\_final\\_05-02-2018](https://issuu.com/vanessa_martins_sts/docs/caderno_monografia_final_05-02-2018). Acesso em: 10 jun. 2018.

SILVEIRA, José Augusto da; COSTA, Angelina Dias Leão; SILVA, Milena Dutra. *Espaços públicos: lugares e suas interfaces intraurbanas*. <[https://issuu.com/laurbeufpb/docs/espac\\_os\\_livres\\_pu\\_blicos\\_e\\_book/2?ff=true](https://issuu.com/laurbeufpb/docs/espac_os_livres_pu_blicos_e_book/2?ff=true)>, acesso em junho de 2018.

# A VIRTUALIZAÇÃO DO ESPAÇO CONTEMPORÂNEO

Henry Farkas 8º semestre;  
Arquitetura e Urbanismo PUC Campinas



Imagem 1: Fotografia tirada pelo autor

Ao recapitularmos o fenômeno da pós modernidade, é possível observar que esta trouxe consigo a situação de uma “pós cidade”, que entra em voga devido a seu aspecto mutável. No final do século XX, o surgimento da tecnologia computadorizada e sua popularização através dos computadores pessoais e de mesa trouxeram à tona uma nova dicotomia do espaço público e o privado pareceu ser colocado em risco. Mas este risco é realmente alarmante? Ou seria apenas mais

uma mutação da cidade e seu transeunte ao qual nossa geração está no meio desta transição?

Nos anos 80 e 90, a virtualização do espaço foi discutida em prol do evidente esvaziamento destes locais e o aparecimento de não-lugares. Esta desconstrução do espaço, tanto física quanto conceitual, no auge do movimento desconstrutivista tanto na filosofia, com Jacques Derrida, quanto nas artes com a popularização de instalações, performances e movimentos como a

*Mail Art*<sup>1</sup>, construíram bases importantes na arquitetura contemporânea que adentram na extensa e difícil classificação ao conceito do lugar, que antes retomava a ideia da experiência, da necessidade e a emoção humana, todavia, este lugar parece gradativamente se desmaterializar com o espaço individual em vigor. Mas vivenciar o espaço é almejar sua condição de lugar? O que seria então o lugar nos dias contemporâneos?

Com a crescente anonimidade do indivíduo, o não-lugar triunfa nesta época, tornando a cidade uma mera passagem. Estaríamos caminhando para a supremacia dos não-lugares? Ou com uma nova era da informação, advinda das redes sociais e mensageiros instantâneos apenas estamos revendo o papel dos espaços públicos? É uma questão humana, ou uma questão espacial? É aparente que o domínio do não-lugar foi evidente sim no final do século XX, por conta do boom da informática e dos dispositivos tecnológicos. Todavia, quando vemos a cidade do hoje, o espaço ainda exerce uma grande influência. A aglomeração urbana e física-social sempre fez parte da condição humana.

Os não-lugares, o individualismo e o fechamento do coletivo aparentam ser tendências, entretanto, andam lado a lado do espaço coletivo, da convivência, do humano. Mensageiros instantâneos e redes sociais, cada vez mais presentes e unidos à nossa personalidade parecem potencializar o encontro, paradoxalmente à ideia de que distanciam mais o contato físico. Seria o espaço um mero mediador de corpos, ao passo que a informação e o big data seriam o verdadeiro espaço agregador?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

WISNIK, Guilherme; MARIUTTI, Julio. Uma pós cidade? In: WISNIK, Guilherme. Espaço em obra: cidade, arte e arquitetura. 1. ed. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018. p. 16-19. ISBN 978-85-9493-076-7.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983

<sup>1</sup>Mail Art é uma forma de arte que utiliza objetos relacionados ao correio como meio, tendo sido atualizado para o correio eletrônico (E-mail).

# EM CONSTRUÇÃO

Marcela Ferro Agulhão, Arquiteta e Urbanista  
Arquitetura e Urbanismo PUC Campinas

## EM CONSTRUÇÃO

---

Procrastino

Os minutos daquela tarde quente congelados

A mente não concentra

Pula, pula, de pensamento a pensamento

E o desenho não aparece.

O desenho não é como a escrita, que chega livremente.

O desenho requer esforço, pensamento pesado

O lápis pesa cem toneladas

O grafite tem coeficiente de atrito altíssimo com o papel

E só sai borrão

Nada se entende

Não sei o que é

O que devo fazer, o que estou fazendo

De repente o lápis é um gigante e me esmaga

E me escondo embaixo da folha branca

Com seus quilômetros quadrados

Que devem ser desenhados,

Por mim

Nessa tarde.

Ah,

Minha mão não chega, não alcança.

Nunca alcanço o que devo.

Não consigo nem decifrar o que devo.

Dou voltas, e desenho círculos,

Vários "O"s, ou vários infinitos.

É como me sinto

Infinita

Como se essa trajetória fosse infinita e a linha de chegada lá longe, não a vejo.

Sei que não chegarei, mas ainda assim devo permanecer nessa corrida

Infinita.

Corrida contra quem mesmo?

Corrida contra mim mesma.

# HOMENAGEM AO PROFESSOR MAXIM BUCARETCHI

Poema dedicado ao professor Maxim Bucarechi  
Marcela Ferro Agulhão, Arquiteta e Urbanista  
Arquitetura e Urbanismo PUC Campinas

Boa tarde, Professor.  
Recebi uma notícia hoje.  
A notícia de que agora você desenha em outro lugar.  
Agora, são outros seres que receberão a sua sabedoria,  
são outros que admirarão os seus traços.  
Já não seremos nós que vamos ouvir as suas indicações  
de livros ou de exposições,  
não ouviremos mais as suas histórias,  
sejam as da Amazônia,  
ou as de Annecy.  
Nem a misteriosa história do seu colar de contas  
saberemos.

Mas sabemos algumas coisas.  
Sabemos reconhecer os grandes mestres,  
e você é um deles.  
Seus olhos claros, que faziam abrir os nossos,  
às vezes assustavam, e no fim acalmavam,  
porque é assim o processo,  
é assim o crescer.  
O trajeto é sinuoso  
E você nos guiava,  
assertivamente,  
nos conduzia por entre vigas metálicas,  
por entre cascas de concreto, e  
finalmente  
nos aconchegava em abóbadas,  
as fantásticas abóbadas,  
construídas de tijolos de barro.

Aquela voz baixinha ecoava e marcava aonde alcançava.  
E inspirava.  
Muitos.

Feliz por nossos caminhos terem se cruzado aqui.  
Feliz por ter aprendido contigo.  
Sobre arquitetura e sobre mais.  
Até logo, Professor.



Fotografia por Carolina Moretti, estudante de Arquitetura e Urbanismo PUC Campinas

O PET Arquitetura e Urbanismo da PUC Campinas se solidariza aos amigos, familiares e entes queridos do Professor Maxim Bucarechi. Somos muito gratos pela partilha dessa jornada de aprendizado e companheirismo, e o teremos sempre em nossas melhores lembranças.

